

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESTÉTICA:
ARTE E AS PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS**

GRAZIELA TOMÉ FERNANDES

**IMAGINAÇÃO E ARTE: O QUE FALAM AS CRIANÇAS SOBRE E
ENQUANTO DESENHAM**

CRICIÚMA, FEVEREIRO DE 2012

GRAZIELA TOMÉ FERNANDES

**IMAGINAÇÃO E ARTE: O QUE FALAM AS CRIANÇAS SOBRE E
ENQUANTO DESENHAM**

Monografia apresentada à Diretoria de Pós-graduação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, para a obtenção do título de Especialista em Educação Estética: arte e as perspectivas contemporâneas.

Orientador: Prof.MSc. Rosilene de Fátima
Koscianski da Silveira

CRICIÚMA, FEVEREIRO DE 2012

Dedico este trabalho à minha família que nunca mediu esforços para me incentivar na busca de meus sonhos e objetivos. Aos alunos (co)autores desta pesquisa por suas presenças e trocas de experiência sobre desenho, imaginação e arte.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por nunca me deixar desanimar e por ser fonte de esperança todos os dias.

A minha família (pai, mãe e mana) base fundamental para que nunca falte amor, apoio, incentivo na realização de meus sonhos e objetivos.

A minha Orientadora Rosilene de Fátima Koscianski da Silveira por sua generosidade e confiança na concretização desta monografia.

A minha amiga Gislene pela motivação para realização da Pós Graduação.

Aos meus amigos, colegas, professores e a coordenação da Pós Graduação em Educação Estética: arte e as perspectivas contemporâneas pelos conhecimentos aprendidos que contribuíram para minha formação como docente e pessoa.

Aos pais e responsáveis por autorizar os encontros, a utilização das falas, desenhos das crianças e por se fazerem presentes na realização da pesquisa.

A Marli Goulart V. Fontanela gestora da escola E.E.B. Prof^a. Isabel Flores Hubbe por permitir a realização da pesquisa e a utilização do espaço da escola.

As crianças (co-autores) participantes da pesquisa que contribuíram com suas presenças, diálogos e desenhos.

Muito obrigado!

**“A arte vive através da imaginação das
pessoas que a vêem. Sem este contato não
existe arte.”**

Keith Haring

RESUMO

Esta pesquisa teve como propósito refletir sobre o desenho infantil, buscando perceber como essa experiência, frequentemente realizada pelas crianças, pode se constituir numa atividade que estimula e alimenta a imaginação da criança, principalmente na sala de aula. No seu objetivo geral tratou de buscar compreender como o desenho enquanto experiência estética pode contribuir para desenvolver a imaginação da criança. É uma pesquisa com abordagem qualitativa e como a temática proposta está diretamente relacionada à infância, as crianças são os sujeitos e co-autores do estudo, cuja proposta metodológica denomina-se *espaços de narrativas*. Esta se propõe, por meio do encontro, do diálogo e de atividades realizadas com as crianças buscar diferentes maneiras de estudar o objeto. Os dados se constituíram nos encontros com as crianças, nos quais foram gravadas suas falas e coletado seus desenhos. Sua base teórica está fundamentada em Vigotski (2009), Egan (2007), Ferraz e Fusari (1999, 2010), Ariès (1981), Leite (1998, 2001) entre outros pesquisadores da infância, da arte, da educação e da imaginação.

Palavras-chave: Pesquisa com criança. Arte. Imaginação. Desenho.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Desenho de Tampinha 1.....	38
Figura 2 – Desenho de Periquita 1.....	39
Figura 3 – Desenho de Wil 1.....	40
Figura 4 – Produção do desenho de Wil (foto).....	44
Figura 5 – Produção do desenho de Lele (foto).....	45
Figura 6 – Produção do desenho de Tampinha (foto).....	45
Figura 7 – Produção do desenho de Periquita (foto).....	46
Figura 8 – Desenho de Wil 2.....	47
Figura 9 – Desenho de Moranguinho 2.....	47
Figura 10 – Desenho de Tampinha 2.....	49
Figura 11– Desenho de Periquita 2.....	50
Figura 12 – Desenho de Lele 2.....	51
Figura 13 – Brinquedos das crianças (foto)	52
Figura 14 – Desenho de Wil 3.....	53
Figura 15 – Desenho de Tampinha 3.....	54
Figura 16 – Desenho de Moranguinho 3	55
Figura 17 – Desenho de Periquita 3.....	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EEB – Escola de Educação Básica

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PCSC – Proposta Curricular de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ARTE EDUCAÇÃO	14
2.1 Arte no contexto educacional: aspectos históricos e teóricos	14
2.2 Os Parâmetros Curriculares Nacionais e o ensino da arte	17
2.3 O ensino da arte na Proposta Curricular de Santa Catarina	18
3. A IMAGINAÇÃO	20
3.1 A imaginação: esboçando conceitos	20
3.2 A imaginação e a criança	22
3.3 O papel da imaginação na escola	23
4 INFÂNCIA	26
4.1 A infância nos dias atuais	26
4.2 A pesquisa com crianças	28
5 DESENHOS	32
5.1 O desenho e sua importância	32
5.2 Desenho e produção cultural na infância	34
5.3 O que dizem as crianças enquanto desenhavam	36
5.3.1 Vamos experimentar o giz?	37
5.3.2 A aventura do tesouro na árvore	41
5.3.3 A gente pode brincar?	51
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICES	64

1 INTRODUÇÃO

Trabalho como professora de arte nas séries iniciais há alguns anos, e frequentemente me surpreendo com as crianças durante as aulas que, ao realizarem suas atividades, dialogam sobre as experiências propostas e me fazem refletir sobre a importância da arte e da imaginação no processo de ensino e aprendizagem e na vida do sujeito. Como docente venho percebendo que para trabalhar as linguagens artísticas com as crianças das séries iniciais é essencial valorizar a imaginação, não apenas na disciplina de arte, mas igualmente nas demais disciplinas do currículo escolar. Entendo que é importante que os adultos que convivem com a criança saibam reconhecer a importância da imaginação e possam favorecê-la, criando oportunidades para apreciar a arte, manusear diferentes materiais, realizar atividades lúdicas nas quais as crianças reflitam sobre a sua e outras culturas e possam sentir-se livres para criar imaginativamente outras possibilidades por meio dos objetos que manipulam e das diferentes linguagens que utilizam. Nesse sentido o docente de arte, em suas aulas, precisa estimular seus alunos às diferentes linguagens artísticas, buscando desenvolver a imaginação criativa e criadora relacionando o conteúdo escolar às experiências cotidianas da criança.

Penso que é por meio da imaginação que podemos refletir sobre a nossa realidade, sobre a relação entre real e irreal e sobre a criação de outras possibilidades. Desta forma, me lancei ao campo para fazer uma pesquisa com crianças para poder perceber de que forma o desenho realizado frequentemente em sala de aula, pode se constituir uma atividade que estimula e alimenta a imaginação da criança. A minha intenção foi provocar um diálogo reflexivo com as crianças sobre a relação que elas estabelecem entre arte e imaginação enquanto desenhavam.

A justificativa pela qual me propus a fazer esta pesquisa está no fato de que percebo que a realidade dos alunos do Ensino Fundamental nas séries iniciais desde o processo de alfabetização exige da criança a realização de tarefas árduas e a aula de arte, muitas vezes, se torna um descanso. Entretanto esta não é a proposta para o ensino da arte. Na minha formação de professora de arte, tive a oportunidade de estudar sobre o grafismo infantil, suas diversas fases que vão da garatuja a idade de ouro, analisando a relevância dessa atividade para a criança em suas diferentes experiências. É possível perceber que o desenho se mostra

essencial para a criança desde seus primeiros anos de vida, é por meio dele que a criança expressa sua opinião e conhecimento do mundo. Além disso, por meio do desenho, podemos estimular a imaginação da criança, sua percepção, sua crítica e o olhar aguçado e compreensivo da sua própria cultura.

Conhecer e valorizar o processo da imaginação infantil no desenho de alunos que se encontram nas séries iniciais foi o fio condutor desse estudo. Dialogar com as crianças, estas que muitas vezes deixam de lado a criatividade e a brincadeira na escola, pode contribuir para que nós, enquanto educadores, e especialmente enquanto professores de arte, possamos compreender melhor o processo de aprendizagem intervindo de maneira mais adequada. Essa pesquisa discute o papel da imaginação nas aulas de arte, sobretudo no desenho incluindo a criança em um universo que a mesma seja capaz de manifestar a sua arte de forma que os adultos a respeitem e partilhem significados históricos e culturais nas diferentes produções realizadas em sua aula de arte. Sabemos que a criança brinca, imagina, canta, dança, desenha, modela, se diverte... tudo isso faz parte do seu cotidiano. Na medida em que tais experiências são propostas para as aulas de artes e procuram levar em conta a capacidade imaginativa da criança, elas podem ser de grande valia para a criança se conhecer melhor, compreender sua realidade cotidiana e expressar seus sentimentos.

Para explorar melhor estas idéias, realizei uma pesquisa de campo utilizando como estratégia metodológica os *espaços de narrativa* que proporciona a troca de diálogos entre pesquisador (eu) e os sujeitos de estudos (as crianças). Realizamos encontros nos quais trocamos algumas experiências, enquanto as mesmas produziam seus desenhos.

Apresento, portanto as reflexões que foram constituídas no campo em diálogo com a criança. Estes diálogos estão fundamentados em conceitos presentes nas discussões sobre arte, desenho, imaginação e infância, organizado da seguinte forma: o primeiro capítulo faz a *introdução* do estudo mostrando os objetivos e justificativa que deram origem a pesquisa. No segundo capítulo com o título: *Arte educação*, apresento como a arte vem historicamente conquistando espaços na escola e na sociedade, trazendo uma reflexão sobre o lecionar nesta disciplina. O terceiro explora conceitos sobre a imaginação e criatividade, partes essenciais desta pesquisa, pensando em meios para estimular, em todos os momentos, a criatividade infantil. Para compor esse capítulo dialogo com autores como Vigotski (2009), Egan

(2007) entre outros a fim de entender como a imaginação está ligada às atividades realizadas pelas crianças.

Para o quarto capítulo intitulado *Infância*, busco definir um conceito de criança-sujeito que produz cultura, levando em consideração a importância da arte e da imaginação na infância, fundamentado em Kramer (1996), Ariès (1981) entre outros autores. O quinto capítulo trata dos desenhos, e nele esboço a importância deste como ferramenta de aprendizado para a criança em todas as idades. Relato sobre o desenvolvimento do grafismo infantil e algumas fases discutindo com autores como Derdyk, (2004), Sans (2007) e Leite (1998). Os resultados do campo aparecem principalmente nesse capítulo. As considerações finais compõem o sexto e último capítulo no qual destaco partes fundamentais da pesquisa explorando recursos e razões que foram levantados no trabalho de campo.

2 ARTE EDUCAÇÃO

2.1 Arte no contexto educacional: aspectos históricos e teóricos

A arte é uma experiência fundamental na vida do ser humano, por meio dela somos capazes de compreender nosso papel no mundo, de expressar sensações e sentimentos, de criticar e estabelecer o contato com as diferentes formas de apreciação artísticas. “A arte é criação do homem, nasce de sua ação”. (SANS, 1994, p.13).

O desenvolvimento do ensino da arte no mundo se consolidou durante o século XX. As discussões refletiam a sua importância na educação. As pesquisas sobre o ensino da arte realizadas nos Estados Unidos influenciaram a sua aplicação na educação brasileira. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – mostram claramente como a arte passou a ser entendida e a proposta de trabalho a ser realizada pela escola:

Na entrada da década de 60, arte-educadores, principalmente americanos, lançaram as bases para uma nova mudança de foco dentro do ensino da arte, questionando a idéia de desenvolvimento espontâneo da expressão artística da criança procurando definir a contribuição específica da arte para educação do ser humano (2000, p. 23).

Os arte-educadores americanos começaram a refletir sobre a possibilidade de que a “livre expressão” seria o melhor caminho para a ampliação da produção artística da criança. Depois de uma década os autores norte americanos concluíram que a criança não aprende sozinha, mas sim com o auxílio do professor, “[...] as habilidades artísticas se desenvolvem por meio de questões que se apresentam a criança no decorrer de suas experiências de buscar meios para transformar ideias, sentimentos e imagens num objeto material” (PCN, 2000, p. 24). Com estes estudos começou-se a refletir sobre a melhor forma de ensinar a arte em nosso país.

No Brasil, a arte educação em seus primeiros desafios teve enfoques filosóficos, pedagógicos e estéticos. Nos meados da década de 70 foi criada “a Lei 5692/71 [que] incluiu a atividade de *Educação Artística* no currículo escolar e só depois providenciou a criação das licenciaturas curtas e plenas polivalentes para

suprir a necessidade implantada” (grifos da autora) (COUTINHO, 2003, p. 154). A educação artística servia como uma atividade não como uma disciplina obrigatória no currículo escolar, outro fato importante é que para suprir esta lei foram criados cursos de licenciatura que tinham como meta, em pouco tempo, formar professores polivalentes para dar aulas de artes visuais, música, teatro e dança. De acordo com Ferraz e Fusari (2010, p. 18) “ao incorporar atividades artísticas com ênfase no processo expressivo e criativo dos alunos [...]” o ensino da arte ganhou maior relevância na escola, “com isso, inúmeros professores deixaram as suas áreas específicas de formação e estudos, tentando assimilar superficialmente as demais, na ilusão de que as dominariam em seu conjunto” (PCN, 2000, p. 29).

A necessidade de professores fez com que muitos deixassem suas formações e fossem ministrar aulas de artes que exigia um professor polivalente. E ainda hoje vivemos este dilema na arte educação muitas escolas ainda recomendam que os professores de artes sejam polivalentes.

O art. 26, § 2º da lei 9.394/96 revoga as disposições anteriores e considera a arte como disciplina obrigatória na educação básica: “O ensino da arte construirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (PCN. 2000, p. 30).

Na escola hoje a arte faz parte da grade curricular desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio propondo aos alunos que reflitam sobre a importância da história da arte, dos artistas, da apreciação estética e da cultura como meio de conhecer e perceber o mundo que os cerca. Para Célia Almeida (2001, p. 14), ao “[...] conhecer e compreender melhor as artes, os alunos tornam-se pessoas mais sensíveis, capazes de perceber de modo acurado modificações no mundo físico e natural [...]”.

Nos dias atuais temos a consciência que vivemos em um mundo em constantes transformações. Essas mudanças podem contribuir ou não para um ensino de arte com qualidade, mas sabemos do compromisso dos educadores em criar possibilidades para as crianças refletirem sobre a arte enquanto experiência articulada ao seu contexto social. Para Amélia Buoro (2003, p.33) o papel da “[...] arte na educação é propiciar uma relação mais consciente do ser humano no mundo e para o mundo, contribuindo na formação de indivíduos mais críticos e criativos que no futuro atuarão na transformação da sociedade”. É na escola que devemos ter

uma educação de arte voltada para que a criança compreenda-se como um ser capaz de produzir, de criar, de imaginar e de apreciar esteticamente as mais diferentes obras e linguagens da arte.

Para Ferraz e Fusari (2010, p. 19):

[...] repensar um trabalho escolar consistente, duradouro, no qual o aluno encontre um espaço para seu desenvolvimento pessoal e social por meio de vivências e posse do conhecimento artístico e estético. Esse novo modo de pensar o ensino-aprendizagem de arte requer uma metodologia que possibilite aos estudantes a aquisição de um saber específico, que os auxilie na descoberta de novos caminhos, bem como na compreensão do mundo em que vivem e suas contradições.

A arte em todo seu movimento vem se tornando cada vez mais importante na vida dos seres humanos e cada vez mais a sociedade deseja formar sujeitos que possam construir um olhar crítico e criativo, mas, sobretudo sensível sobre a realidade. Desta forma, busca propiciar aos alunos conhecimento sobre a arte a experimentação estética nas diferentes linguagens. As proposições educacionais também estimularam o ensino de arte que estabelece suas práticas com embasamento nas teorias que buscavam a melhoria do ensino. Segundo Ferraz e Fusari (2010, p. 23) é preciso “compreender mais profundamente essa questão da prática educacional de Arte e sua relação com a nossa vida [...]” para conhecermos melhor sobre o que estas teorias transformaram no ensino de arte.

Todas as teorias direcionaram o ensino de arte, entre elas a pedagogia tradicional, nova, tecnicista e as mais recentes como a pedagogia libertadora, libertária, histórico-crítico e crítico-social dos conteúdos. Na pedagogia tradicional o processo de ensino se constituía de uma prática pela qual bastava o professor “[...] “passar” para os alunos “informações” [e estas eram] consideradas verdades absolutas” (Idem, p. 25). E isto também refletiu no ensino de arte que era baseado no desenho, pois “[...] a aula de desenho na escola tradicional era encaminhada através de exercícios, com reproduções de modelos proposto pelo professor que seriam fixados pela repetição, buscando sempre o seu aprimoramento e destreza motora” (Ibidem, p. 27). A pedagogia tradicional estimulava a cópia e o aperfeiçoamento motor e não a criação e o desejo dos alunos.

Já a pedagogia nova estabelece a importância do meio social como principal meio para o aluno aprender.

Para Ferraz e Fusari (2010, p. 29):

Alcançar tais finalidades, propõem experiências cognitivas que devem ocorrer de maneira progressiva, ativa, levando em consideração os interesses, motivações, iniciativa e as necessidades individuais dos alunos. Além do mais, pautadas por esse modo de entender a educação, consideram menos significativa a estruturação racional e lógica dos conhecimentos [...].

Em arte a “livre expressão” e a espontaneidade se tornou a forma de ensinar os alunos “[...] a concepção de arte baseada na expressão e na liberdade criadora” (Idem, p. 37). Era dado destaque ao desenho livre sem a orientação do professor. Na pedagogia tecnicista se propunha a preparação dos alunos para o trabalho. Neste momento a arte passou a ser uma disciplina não obrigatória no currículo escolar. Segundo as autoras “assim, as aulas de Educação Artística mostram-se dicotomizadas, superficiais, enfatizando ora o saber ‘construir’ artístico, ora um saber ‘expressar-se’, mas necessitando de aprofundamento teórico-metodológicos” (Ibidem, p. 41). Com pouco embasamento teórico as aulas de arte começaram se tornar superficiais.

As tendências realistas progressivas mostraram que é fundamental mediar, aguçar a curiosidade dos alunos, relacionar o meio em que vivem, trabalhar com a política, a conscientização entre outros temas e, a partir desta ótica, os “[...] métodos se situarão para além dos métodos tradicionais e novos, superando por incorporação as contribuições de outros” (FERRAZ e FUSARI, 2010, p. 45). Portanto na arte os alunos precisam ser estimulados a pensar, criticar, se expressar e dar sua opinião sobre o mundo.

2.2 Os Parâmetros Curriculares Nacionais e o ensino da arte

Os Parâmetros Curriculares Nacionais são documentos pelos quais os professores de todas as disciplinas podem conhecer quais matérias, conteúdos, linguagens e formas de avaliar os alunos nacionalmente. Os PCN fornecem a base para o ensino em nosso país. O documento que trata da arte orienta como deve ser lecionada a disciplina nas escolas definido uma base curricular única e ampla para o Brasil. Cabe ao estado, a cidade, a escola e professor formularem seus planejamentos a partir dessa orientação, buscando compreender a melhor forma de trabalhar a arte na sua realidade.

Ensinar arte em consonância com os modos de aprendizagem do aluno, significa, então, não isolar a escola da informação sobre a produção histórica e social da arte e, ao mesmo tempo, garantir ao aluno a liberdade de imaginar e edificar propostas artísticas pessoais ou grupais com base em intenções próprias. E tudo isso integrado aos aspectos lúdicos e prazerosos que se apresentam durante a atividade artística. (PCN, 2000, p. 47).

Compreender que é necessário associar a vida cotidiana de nossos educandos com os conteúdos, para um melhor aprendizado de todas as matérias. Na arte não é diferente. É preciso interagir com a história da arte, com técnicas, artistas entre outros e com a vida social dos alunos, pois tudo isso contribui para que estes se desenvolvam em todos os aspectos.

Os PCN de arte também apontam objetivos, alguns conteúdos, e forma de avaliar em cada linguagem. As linguagens abordadas são artes visuais, dança, música e teatro em todas elas estão esboçados maneiras, formas de ensinar estas linguagens. Entender “as possibilidades e os modos de os alunos transformarem seus conhecimentos em arte, ou seja, o modo como aprendem, criam e se desenvolvem na área” (2000, p. 61). Então é necessário que estudem arte e assim ampliem seu processo imaginativo.

Tanto na dança, como na música e no teatro é fundamental e integração do ambiente escolar e dos alunos para assim explorarem todas as possibilidades da utilização destas linguagens, pois “toda ação humana envolve a atividade corporal” (Idem, p. 67), ou seja, todas as atividades que praticamos requerem a participação do nosso corpo, isso é válido para qualquer linguagem da arte.

2.3 O ensino da arte na Proposta Curricular de Santa Catarina

A Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina estabelece a necessidade do estudo da arte nas escolas. Propondo que o ensino de arte seja direcionado ao refletir do aluno em sua cultura. A arte é “possuidora de um campo teórico específico, relaciona-se com as demais áreas, desenvolve o pensamento artístico e a reflexão estética” (PCSC, 1998, p.194). Então a arte é um dos meios de integrar todas as áreas do ensino e ampliar a experimentação estética do aluno.

É fundamental que o professor tenha consciência de desenvolver o repertório na arte nacional, internacional e cultural dos alunos, deste modo

reconhecendo as necessidades de aprender e compreender a arte de uma maneira geral.

Para a Proposta Curricular de Santa Catarina:

O professor de arte não precisa necessariamente ser um artista, mas precisa ser alfabetizado esteticamente, compreender o processo de produção do artista, estar atento às questões culturais do seu contexto, e precisa estimular e comprometer seu aluno a também participar ativamente do seu contexto, percebendo as manifestações culturais, através de museus, do cinema, do objeto artístico, de vídeos, de outdoors, de revistas, de jornais, de computação gráfica, de livros, etc. (1998, p.194).

O professor precisa estar atento a tudo que o rodeia principalmente as mudanças que ocorrem no mundo. Ao perceber tais necessidades o docente está apto a desenvolver de uma forma lúdica, criativa, e crítica as questões que envolvem os meios artísticos e culturais.

A Proposta Curricular de Santa Catarina reconhece que é fundamental aprender arte por três meios: a criação, a fruição e a leitura. A arte é uma das formas de desenvolver a criatividade e imaginação dos alunos, pois “o ser humano pode manifestar-se de forma criativa na peculiaridade de programar a sua vida, na produção artística e na produção científica” (1998, p.194). A fruição é a capacidade de perceber a função da arte e como os artistas pensam sobre suas obras e sua cultura.

Um ensino da arte que propicie ao aluno o desenvolvimento das possibilidades de ver, ouvir, interpretar e julgar as qualidades dos objetos artísticos e das manifestações culturais deve compreender os elementos e as relações significativas ali estabelecidas e, assim, oportunizar o conhecimento de que é portador o objeto (Idem, p.195)

A leitura é um meio para a compreensão de obras visuais, musicais e teatrais, assim ao saber, entender e ler estas obras os educandos podem compreender melhor sua vida e cultura. “Essa cultura permite ao aluno estabelecer relações entre estilos e obras, ampliando sua visão dos bens culturais produzidos pela humanidade, bem como a sua visão de mundo” (Ibidem, p.198). Portanto o aluno que é capaz de fazer uma leitura visual poderá perceber-se como sujeito que pode modificar sua vida em sociedade.

3. A IMAGINAÇÃO

3.1 A imaginação: esboçando conceitos

Os estudos acerca da imaginação apontam muitas hipóteses, teorias que fazem refletir sobre o seu papel nas diferentes atividades realizadas pelos seres humanos. Autores como Vigotski, Egan, Ferraz e Fusari, entre outros apontam alguns dos conceitos e buscam estabelecer os papéis e a função da imaginação, principalmente na educação e na arte.

Para Vigotski (2009, p. 25) a imaginação é “uma condição totalmente necessária para quase toda atividade mental humana” [...]. Deste modo a imaginação faz parte de nossas vidas acompanhando nossas ações que acionam o pensamento. O ato de imaginar está ligado ao ser humano que é capaz de transformar atividades comuns em algo surpreendente por meio de novas e antigas soluções. “[...] É exatamente a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, emergindo-o e modificando o seu presente” (Idem, p. 14). É a imaginação que permite ao homem reelaborar seus pensamentos ligando-se a memória, a emoção e a sua perspicácia de renovar métodos, práticas, soluções já pré-estabelecidas.

Ainda de acordo com Vigotski (2009, p. 14) o cérebro humano “[...] não é apenas o órgão que conserva e reproduz nossa experiência anterior, mas também o que combina e reelabora, de forma criadora, elementos da experiência anterior, erigindo novas situações e novo comportamento”. O autor afirma que as nossas habilidades criativas demandam principalmente de nossas experiências de vida, conseqüentemente quanto mais experiências vividas maior é a capacidade imaginativa do ser humano.

Segundo Kiran Egan, a imaginação “se encontra como que no ponto crucial onde a percepção, a memória, a geração de ideias, a emoção, a metáfora e, sem dúvida, outros aspectos de nossas vidas se cruzam e interagem” (2007, p. 13). Desta forma a imaginação faz parte de nossa vida, pois interage como um elo que liga nossa memória, as idéias e emoções e, nós nos tornamos capazes de imaginar, soluções possíveis para os problemas.

Enquanto educadora, entendo que a arte tem um papel significativo para o processo de desenvolvimento da criança, da criatividade e da imaginação. É com ela que conhecemos nossos sentimentos e emoções e a habilidade de transformar nossa realidade faz com que possamos descobrir nossa capacidade de criação. “A arte, enquanto processo criador é o elo que faz o ser humano ligar-se à vida” (FERRAZ e FUSARI, 1999, p. 67). A arte é um meio para desenvolver e conhecer nossa capacidade criativa, pois é fundamental para vida humana. “A imaginação origina-se exatamente desse acúmulo de experiência [...] (2009, p.22)”. Então conseqüentemente as experiências vividas devem promover um diálogo melhor sobre o processo que alimenta a imaginação.

Para Ferraz e Fusari (1999, p. 60) é necessário:

Em primeiro lugar, entender que a atividade imaginativa é uma atividade criadora por excelência, pois resulta da reformulação de experiências vivenciadas e da combinação de elementos do mundo real. A imaginação se constitui, portanto, de novas imagens idéias e conceitos, que vinculam a fantasia à realidade.

Compreender que a imaginação faz parte de nosso cotidiano, de nossa vida como seres humanos racionais é estabelecer formas, combinações, relações entre experiência e pensamento que proporcionam novas formas de ver e conviver. “Tanto o sentimento quanto o pensamento movem a criação humana” (VIGOTSKI, 2009, p.30). A imaginação permite que reelaboremos nossos pensamentos, sentimentos e atitudes na busca de soluções para as dificuldades encontradas.

O processo que alimenta e estimula a imaginação pode abranger etapas longas no decorrer da vida de uma pessoa. “Toda atividade de imaginação tem sempre uma história muito extensa” (Idem, 2009, p.35). Pois, não é de uma hora para outra que percebemos como a imaginação se desenvolve, mas sim necessitamos de estudos, pesquisas que busquem dialogar sobre como os processos de criatividade desde a infância podem ser potencializados. A imaginação infantil é um tema de extrema relevância, é preciso refletir sobre a necessidade de estimular o seu uso nas atividades do dia-a-dia.

Em relação às propostas de atividades a serem realizadas em sala de aula com as crianças o professor precisa levar em conta alguns aspectos importantes que estão diretamente ligados à imaginação e a criatividade. Para Aurora Ferreira (2007, p.22) é preciso:

[...] encorajar a iniciativa, a criação de trabalhos por meio de seu próprio esforço, levar a criança a descobertas por si mesma, a inventar e criar suas idéias, não dar respostas prontas para todas as indagações, não permitindo, assim, que a criança dependa do pensamento alheio.

Quando propomos o desenho, devemos estimular as crianças a pensar, a buscar novas idéias para que não fiquem presas ao desenho estereotipado, por medo de imaginar. A criança deve se sentir livre para perceber, para construir, para elaborar e para criar, sem que seja forçada a cópia. Pensando desta forma, me propus a realizar atividades no campo da pesquisa. Ao propor encontros em que a criança fosse estimulada em todos os sentidos, principalmente por meio do desenho e do diálogo reflexivo sobre a experiência, foi possível conversar com ela sobre: qual a necessidade de desenhar? Por que e o que as crianças gostam de desenhar? Quais desenhos elas preferem fazer? Entre outros questionamentos que foram levantados no estudo e, dos quais mostro alguns resultados mais adiante.

3.2 A imaginação e a criança

A imaginação da criança requer muita atenção e cuidado, pois a infância é uma etapa na qual o sujeito está em constante aprendizado e seu pensamento e a sua memória registram e atribuem significados às suas experiências de maneira muito dinâmica, e estas vão sendo constantemente percebidas e guardadas na memória. Os “[...] processos de criação manifestam-se com toda a sua força já na mais tenra infância.” (VIGOTSKI, 2009, p. 16). É na infância que o processo que alimenta a imaginação irá se formar com força e vigor. A imaginação na infância é muito importante, faz parte do dia-a-dia da criança. É com ela que a criança começa a relacionar o real e a fantasia de forma que podemos chegar “à conclusão de que a criança vive mais tempo num mundo fantasioso do que no mundo real” (Idem, 2009, p. 44). E é por meio da fantasia que a criança começa a perceber sua relação com o mundo.

Para Buoro (2003, p. 82) “na criança a imaginação criadora em desenvolvimento é entendida como cumprimento, um percurso que parte de um viver mais espontâneo e imaginativo em direção a um maior racionalismo e menor investimento imaginário”. Perceber as manifestações imaginativas nas atividades

que a criança realiza e encorajar é uma das formas de auxiliar o processo criativo, é o primeiro passo para que o professor possa intervir de maneira adequada.

A criança em seu dia-a-dia, seja na sala de aula ou em casa, ao realizar uma atividade, seja ela de escrita, desenho ou outra qualquer, precisa ser constantemente estimulada às aventuras e descobertas que darão oportunidade à ela de ter novas experiências, além disso, a criança começa a adquirir autoconfiança e autonomia e não se torna dependente de trabalhos prontos ou respostas pré-elaboradas. “A criança se exprime naturalmente, tanto do ponto de vista verbal, como plástico ou corporal, e sempre motivada pelo desejo da descoberta e por suas fantasias.” (FERRAZ e FUSARI, 1999, p. 55). A brincadeira e o desenho são experiências fundamentais para motivar o desenvolvimento da criança, pois nestas atividades a criança é capaz de expressar seu modo de interpretar e sentir o mundo antes mesmo da fala e da escrita.

Para Vigotski (2009, p. 46) “a criança é capaz de imaginar bem menos do que um adulto, mas ela confia mais nos produtos de sua imaginação e os controla menos”. Portanto a imaginação da criança pode ser mais pobre de experiências, mas o que faz a diferença e que a criança confia e tem a liberdade de se expressar sem medo da obra final. “A criança que se expressa de acordo com seu nível é encorajada em seu próprio pensamento independente e exprime suas idéias, suas reflexões, por seus próprios meios” (LOWENDEL e BRITAIN, 1977, p.30). A criança que é estimulada a usar sua imaginação, possivelmente terá mais facilidades para criar formas, meios, ideias para a resolução dos seus problemas.

O importante é que as crianças utilizem mais livremente sua imaginação e percebam sua função na vida cotidiana do sujeito, integrante de uma sociedade na qual há busca por diferentes opiniões, novas soluções e que estas são indispensáveis para um mundo em constante transformação.

3.3 O papel da imaginação na escola

A escola é um espaço onde professores e alunos buscam ensinar e aprender os mais diferentes saberes, que proporcionam a construção de uma concepção do mundo e a sua constituição enquanto sujeito. A compreensão e reformulação dos diferentes saberes e a formação intelectual do homem se faz na

interação com o outro, com o meio e, nesse processo é fundamental poder “imaginar”.

Todos reconhecemos que uma das funções das escolas é socializar as crianças, fazê-las entender, familiarizar-se com as ideias crenças convencionais da qual elas estão se tornando parte e valorizá-las. Imaginação, sem essa base, é mera insensatez e improvável que seja produtiva tanto para o indivíduo quanto para a sociedade (EGAM ,2007, p. 15).

Ao reconhecer o papel da imaginação na escola estamos proporcionando aos educandos a valorização de suas idéias, memórias, experiências, informações e conteúdos ministrados dentro e fora da sala de aula. “Quando o educador sabe intermediar os conhecimentos, ele é capaz de incentivar a construção e habilidades do ver, do observar, do ouvir, do sentir, do imaginar, assim como suas representações.” (FERRAZ e FUSARI, 1999, p. 63). É fundamental que o professor tenha em mente que a imaginação é um dos meios mais favoráveis para aprendizagem dos alunos.

Portanto, reafirmo a necessidade de propor em sala de aula o estímulo constante no sentido de provocar as crianças a pensar, a buscar novas idéias para que elas não fiquem presas aos modelos de textos, questões e desenho. As crianças devem se sentir livres para perceber, construir, elaborar, criar, “acertar” ou “errar” em suas experiências cotidianas.

Para Lowendeld e Brittain (1977, p.28):

O processo criador abrange a incorporação do eu na atividade, o próprio ato de criar fornece a compreensão do processo por que outros estão passando, quando enfrentam suas próprias experiências. Viver cooperativamente [...] e contribuir, de forma criadora, para a sociedade torna-se um dos mais importantes objetivos da educação.

O ato de criar está totalmente ligado ao interesse pelo assunto abordado dentro da sala de aula ou fora dela em notícias, *sites*, livros entre outros aos quais os alunos têm contato. “Um dos papéis da educação é esclarecer às crianças que a imaginação oferece ganhos que não são imediatamente úteis, mas que valem a pena” (EGAN, 2007, p. 24). Fazer com que as crianças sempre busquem criar suas opiniões com base em sua realidade e que percebam que ao utilizarem sua imaginação estarão desenvolvendo sua mente. Para o autor levar “a imaginação a sério na educação nos faz transcender a divisão entre intelecto e emoção e perceber

ambos juntos em todas as áreas do conhecimento e em todos os aspectos da educação [...] (Idem, p. 32)” é, portanto, reconhecer o aluno como um “todo” não separando a razão da emoção e permitindo um amplo conhecimento de seus corpos e mente também por meio da educação escolar que deve valorizar a imaginação em todas as disciplinas do currículo escolar.

Em todas as disciplinas oferecidas na escola necessitamos constituir ambientes que permitem o ato de criar, pois todas são de extrema importância para os educandos. Para Egan (2007, p. 20) “é preciso dizer, contudo, que o desenvolvimento da imaginação dos estudantes não ocorrerá sem o aprendizado e a memorização de muitos e diversificados saberes [...]”. Propondo que quanto mais saberes e experiências os estudantes acumularem em sua vida melhor será sua capacidade imaginativa. E reconhecer esta capacidade desde a infância irá contribuir para o desenvolvimento da criança em todas as etapas de sua vida escolar. Segundo Buoro (2003, p. 83), precisamos perceber “[...] a criança, desde pequena, como um ser potencial criativo e imaginativo”, portanto entender que a criança é um ser capaz de expressar a sua criatividade é permitir que as manifestações infantis sejam valorizadas e compreendidas no contexto em que ela está inserida.

4 INFÂNCIA

4.1 A infância nos dias atuais

Conhecer a infância, perceber os conceitos presentes na sociedade e a forma que estes direcionam a ação e a intervenção dos adultos junto às crianças é, em primeiro lugar, reconhecer que se trata de um assunto amplo, porém necessário para quem trabalha com crianças. Ao conhecer melhor a infância estamos consequentemente descobrindo como estabelecer um diálogo mais próximo com esses sujeitos. Daí vem a importância das pesquisas nesse campo.

Philippe Ariès foi um dos pioneiros a tratar da infância ao realizar estudos iconográficos sobre a *História social da criança e da família*. A criança no século XIII era considerada um adulto em miniatura, segundo o autor, nessa época “[...] não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens em tamanho reduzido” (1981, p. 51). As crianças não tinham características infantis, as imagens mostram que se parecem um adulto só que em tamanho menor.

A criança por muito tempo foi tratada como um “adulto pequeno” não tinha espaço para as brincadeiras infantis e “[...] não existia uma separação tão rigorosa como é hoje entre as brincadeiras e os jogos reservados às crianças e as brincadeiras e os jogos dos adultos” (ARIÈS, 1981, p. 88). Portanto não existia o reconhecimento da infância e da importância da brincadeira, da fantasia e imaginação.

Para Sonia Kramer (1996, p.19):

A mudança da concepção de infância foi compreendida como sendo eco da própria mudança nas formas de organização da sociedade, das relações de trabalho, das atividades realizadas e dos tipos de inserção que nessa sociedade tem as crianças. Assim entendida a questão, não se trata de estudar a criança como um problema em si, mas de compreendê-la [...]

A infância por muito tempo não foi tratada como tema relevante pela sociedade. Nos dias atuais a infância, seu desenvolvimento e os diferentes assuntos que envolvem a criança e sua inserção social tornaram-se tema de estudos e pesquisas em diferentes áreas do conhecimento. Entendendo a criança como sujeito podemos tratar da infância como parte fundamental da vida humana. “Falar de infância é se reportar às lembranças do passado, não como este fato ocorreu, mas a um passado que é, então, recontado a partir do crivo do presente [...]” (PEREIRA e

SOUZA, 1998, p. 35). Então precisamos estar consciente de como a infância está sendo vista e tratada no mundo de hoje, pois se ficamos presos somente a lembranças, fatos do passado e não buscamos compreender como se desenvolveu estas questões sobre infância estaremos renegando a necessidade de aprender sobre a criança na contemporaneidade.

Para as autoras a preocupação é “construir uma compreensão da experiência da infância na contemporaneidade que nos permita uma redefinição do lugar social ocupado pelos sujeitos na imbricada rede de relações intersubjetivas e socioideológicas que os constituem” (Idem, p. 36). A criança hoje está sendo reconhecida como ser que faz parte do meio social, assim permitindo que a infância levante interesse para pesquisas que são fundamentais para o mundo.

A percepção sobre a infância vem se modificando, pois a família, a escola, internet, e as novas tecnologias vêm mudando o ponto de vista de estudiosos sobre a criança. Do mesmo modo “o distanciamento em relação ao adulto propicia uma nova inserção da criança no mundo da cultura, uma inserção mediada por uma ordem do virtual” (Ibidem, p. 39). Ao reconhecer a criança como produtora e consumidora de cultura, estamos refletindo sobre o papel da infância em uma cultura contemporânea.

Para M^a Isabel Leite (1998, p. 148-149):

Se a cultura e a expressão da criança fossem valorizadas em sua singularidade e compreendidas em sua totalidade como inseridas na cultura da humanidade, se cada criança, desde a mais tenra idade, pudesse ser vista e respeitada como um sujeito com vida, afetiva, histórias vividas e experiências a intercambiar, poder-se-ia fazer circular as diferentes manifestações culturais de modo que fossem reapropriadas por todos.

Ao respeitarmos a criança estamos reconhecendo que a mesma precisa ser ouvida e possa expressar sua opinião sobre o mundo que a cerca e isto deveria acontecer em todas as idades e manifestações culturais.

Ariès (1981, p. 176) mostra um tempo em que à infância é dividida cronologicamente em idades como “o termino da primeira infância a idade de 5-6 anos, quando o menino deixava sua mãe , sua ama ou suas criadas. Aos sete anos podia entrar para o colégio [...]”. Ainda hoje podemos perceber por parte de educadores, pais e responsáveis uma divisão entre as crianças fundamentada em séries, idade. Entretanto os limites de idade é um dos aspectos que estão

diretamente relacionados ao contexto social, e por isso, podemos dizer que há diferentes infâncias, com muitas formas de ser criança.

A arte na infância propicia às crianças muitos conhecimentos, que englobam seu meio, a arte do desenho é praticamente a primeira forma que a criança faz uso para tentar se comunicar com o adulto. Assim para Almeida (2001, p.32):

O trabalho com arte, em suma, proporciona as crianças a oportunidade de desenvolver sensibilidades que tornam possível o conhecimento estético do mundo e a expansão do repertório de habilidades e experiências estéticas que podem ser utilizadas para formar idéias e articular a expressão.

Para as crianças é muito importante ampliar seu conhecimento por meio de atividades que estimulem o processo criativo e a arte é parte fundamental para que estas experiências possam estabelecer diferentes formas de se relacionar com o mundo.

4.2 A pesquisa com crianças

Podemos dizer que a pesquisa com crianças iniciou com o estudo iconográfico de Philippe Ariès, por meio de imagens ele pesquisou parte do contexto infantil desde a primeira aparição de figuras “semelhantes à de crianças”. A pesquisa sobre infâncias e sobre a criança vem ganhando espaço e atenção em diferentes áreas do conhecimento. Ao se consolidar como um campo de estudos destaca a conscientização da sociedade em relação aos direitos e necessidades essenciais da criança e olhando-a como sujeito de direito que produz linguagem e cultura abre-se o espaço para a sua participação efetiva na esfera do conhecimento. “Pesquisar a infância com este olhar significa pesquisar a própria condição humana, a história do homem” (KRAMER, 1996, p. 38).

A pesquisa é essencial para compreender fatos importantes, buscar soluções para problemas que beneficiem o meio social, econômico e educacional, na investigação e comprovação de fatos que fazem refletir sobre o mundo que estamos inseridos. “É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo” (MINAYO, 1994, p. 17). É essencial a prática de uma pesquisa de campo que visa buscar no público alvo soluções para o problema da

pesquisa. “[...] o campo torna-se um palco de manifestações de intersubjetividade e interações entre pesquisador e grupos estudados propiciando a criação de novos conhecimentos” (Idem, p. 54).

Para a autora:

A pesquisa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crença, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos, dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis (Ibidem, p. 21)

A realização da pesquisa bibliográfica com o estudo das questões, hipóteses e possíveis soluções para o problema foi contínua e paralela a imersão em campo, pois é o movimento que “[...] procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos” (CERVO e BERVIAN, 2002, p.65). Portanto é essencial fazer uma fundamentação teórica baseada em livros, artigos, *sites* científicos. Propondo uma problematização e conclusão da pesquisa e seus resultados, analisando e comprovando com autores sobre a arte educação, imaginação, desenho da criança entre muitos outros, a fim de solucionar, esclarecer, provocar, expressar e desmistificar o problema.

Essa é uma pesquisa com base qualitativa que parte das possibilidades de resposta particulares para buscar indagar o problema nas suas significações mais amplas. Em uma pesquisa qualitativa procuramos possíveis soluções para o problema da pesquisa, aos quais se realiza estudos sobre o sujeito e sua vida social. “Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos” (GOLDENBERG, 2004, p. 53).

É um estudo realizado com crianças. Elas são vistas como sujeitos, co-autores. O problema central está colocado em forma de interrogação e se propôs a investigar *de que forma o desenho pode se constituir numa atividade que estimula e alimenta a imaginação da criança*. Ao estabelecer um diálogo com as crianças foi importante se aproximar delas, compreender o meio social em que estão inseridas e ouvir o que elas têm a dizer sobre o problema, mas principalmente registrar as experiências imaginativas que foram expressadas por elas enquanto faziam seus desenhos.

Com objetivo de compreender como o desenho enquanto experiência estética pode contribuir para desenvolver a imaginação da criança foram realizados cinco encontros entre a pesquisadora e os sujeitos para tratar do problema de pesquisa. Nestes encontros foram realizadas atividades de desenhos com seis alunos com idades entre sete a oito anos, que estudam nas séries iniciais na Escola de Educação Básica Professora Isabel Flores Hubbe situada no município de Araranguá-SC.

A proposta metodológica de pesquisa adotada, na qual planejamos encontros e realizamos atividades diversas com as crianças chamamos de *espaços de narrativas*, na qual o pesquisador dialoga com seus pesquisados (crianças) na busca de entender o problema proposto:

Os aqui chamados *espaços de narrativa* não são estratégias isoladas e criadas por nós num momento de *surto-criativo*... elas vão se constituindo e se consubstanciando no seu caminhar, sempre em conjunto e a partir de nossa própria experiência aliada à experiência de pesquisadores outros que nos precederam ou que conosco lutam na busca de um espaço de troca com as crianças sujeitos de suas pesquisas. Assim, tomo alguns pontos para o debate e vou com eles dialogando e neles referendando nosso posicionamento. (LEITE, 2008, p.121)

Como elementos para ampliar o estudo é fundamental a coleta de materiais como: desenhos produzidos, fotos, anotações, vídeos e gravações de diálogos com as crianças. Conforme Minayo (1994, p. 26). “[...] o trabalho de campo que consiste no recorte empírico da construção teórica elaborada no momento. Essa etapa combina entrevistas, observações, levantamentos de material documental, bibliográfico, instrucional”. Para realizar esses procedimentos e utilizar os materiais produzidos em campo houve a necessidade de entregar uma autorização (apêndice 1) para os responsáveis para dispor principalmente das falas e imagens das crianças. Da mesma forma, para desenvolver a pesquisa e utilizar o espaço físico da escola necessitou da autorização da diretora (apêndice 2). A pesquisa de campo foi realizada entre os meses de outubro à novembro de 2011.

A formação do grupo foi realizada com um convite para turma do primeiro ano vespertino. Quando propus encontros *para fazer desenhos* todas às crianças gostaram da idéia e quiseram participar. Na última semana de setembro foi entregue a autorização para todas as crianças da sala. Recolhi as autorizações no fim da mesma semana onde seis crianças me entregaram a autorização. A maior

dificuldade das crianças que não puderam participar foi que elas moram longe e necessitam de transporte escolar. Então, se constituiu um grupo com seis alunos: quatro meninas e dois meninos. Os encontros aconteceram, no contra-turno, os participantes vieram no horário matutino, em cinco encontros. As crianças convidadas a participar da pesquisa são consideradas co-autoras seus nomes e falas compõem parte do texto. “Quando trabalhamos com um referencial teórico que concebe a infância como categoria social e entende as crianças como cidadãos, sujeitos da história, pessoas que produzem cultura, a idéia central é a de que as crianças são autoras, mas sabemos que precisam de cuidado e atenção” (KRAMER, 2002, 142).

A escolha das falas é feita com a devolutiva, que com diálogo as crianças, podem optar em permitir ou não que suas falas estejam presentes no texto e aceitar a maneira que está sendo colocada. Quando o assunto tratado não coloca as crianças em risco de qualquer natureza elas podem ser identificadas. Neste estudo, conversando com as crianças elas decidiram escolher um apelido para compor o trabalho.

Pesquisadora: – Questionei se poderia usar o nome deles ou um apelido?

Periquita: – Apelido? Eu tenho Aninha.

Periquita: – Mas quero periquita. Porque falo muito.

Tampinha: – Eu também Tampinha. Por que eu como sempre na tampinha.

Moranginho: – Eu já tenho Tami, mas quero Moranginho.

Wil: – Até que do meu nome eu não gosto muito.

Wil: – Pode ser Wil.

Lele: – Pode ser Lele.

Pesquisadora: – Nome ou apelido?

Todos: – Apelido!

Os apelidos foram escolhidos pelas crianças e identificam todas as falas delas no texto. Alguns deles têm significado importante para a criança, como o fato de “falar muito”, de “– comer na tampinha” e do menino Wil que não gosta de seu nome, assim as crianças podem se imaginar como personagens importantes para realização da pesquisa. “O importante é perceber e afirmar que a criança é inteligente e sensível, capta os ditos e não-ditos e, sobretudo, procura corresponder às expectativas que imagina que façamos dela” (LEITE, 2001, p. 125). Reconhecer a criança como sujeito e construir como ela alguns conceitos no desenvolvimento da pesquisa é reconhecer que ela tem vontade própria, mostra autonomia nas atividades e está disposta a dar sua contribuição nas tarefas do adulto.

5 DESENHOS

5.1 O desenho e sua importância

O desenho é o meio mais comum das crianças começarem a se expressar artisticamente, antes mesmo da comunicação verbal, a criança inicia seus primeiros traços chamados de *garatuja*s até o ápice do desenho a chamada *idade de ouro*, na qual a criança começa a perceber os espaços, delimitar o chão e criar desenhos com mais realismo. “O desenho é a manifestação de uma necessidade vital da criança agir sobre o mundo que a cerca; intercambiar, comunicar” (DERDYK, 2004, p.51). Ao desenhar a criança expressa o seu mundo de uma forma muito particular, que nós faz refletir sobre seus atos perante a sociedade.

As fases do desenho são classificações utilizadas por diversos autores que estudam o grafismo infantil. Desse modo, para Derdyk (2004, p. 52) as garatuja)s marcam o início do grafismo ao qual a criança faz seus “rabiscos” involuntários realizados em seus primeiros anos de vida. “A garatuja não é simplesmente uma atividade sensorial-motora, descomprometida e ininteligível. Atrás destas latentes segredos existenciais, confidenciais emotivas, necessidade de comunicação.” (Idem). Quando a criança começa a perceber formas em suas garatuja)s ela começa a agregar elementos, formando suas primeiras figuras que poderão ser reconhecidas pelos adultos. Esta é fase pré-esquemática que acontece “aproximadamente entre 3 e 4 anos as crianças combinam os elementos gráficos[...]”(Ibidem, p. 82) como linhas, círculos a partir daí serão aprimoradas conforme a liberdade, a vontade, a valorização de seus trabalhos. Já na fase esquemática a criança começa a perceber e relacionar seus desenhos com a realidade, colocando o chão e organizando as formas.

A partir do seis anos, em geral, a criança descobre a relação entre seu desenho e a realidade. Representar o real é o seu intuito, colocando, em seus trabalhos, influências da cultura na qual está inserida. A sua capacidade de síntese, por meio de uma observação aguçada, adequa-se perfeitamente com seu modo de expressão plástica. (SANS, 2007, p. 52).

O desenho desta fase mostra a experiência da criança que já percebe sua cultura e a manifesta em seus trabalhos artísticos. É apropriado que adultos

estimulem as crianças a desenhar, pintar, modelar para que possam compreender e lidar com seus sentimentos, estabelecendo um vínculo entre o real e imaginário provocando o olhar para os acontecimentos do seu dia-a-dia.

Podemos perceber que o desenho é parte fundamental das crianças, e suas fases estimulam a compreensão de seus desenhos.

O desenho possui uma natureza específica, particular em sua forma de comunicar uma idéia, uma imagem, um signo, através de determinados suportes: papel, cartolina, lousa, muro, chão, areia, madeira, pano, utilizando determinados instrumentos: lápis, cera, carvão, giz, pincel, pastel, caneta hidrográfica, bico de pena vareta pontas de todas as espécies (DERDYK, 2004, p.18)

O desenho e sua evolução vão depender individualmente de cada criança, pois cada uma reflete uma experiência diferente. Ao ter contado com diferentes suportes e instrumentos as crianças poderão experimentar formas diferentes de criar. “Ao desenhar, a criança transmite no desenho o que sabe sobre o objeto, e não o que vê” (VIGOTSKI, 2009, p. 108). Então a criança imagina como poderia representar o objeto e não o copia como está vendo em sua frente.

A criança ao desenhar está colocando em um suporte uma reflexão sobre o ambiente, experiências e a memória a propósito do que está acontecendo constantemente em seu meio social. Segundo Leite (1998, p. 136):

Como representação ou recriação da realidade, o desenho é um objeto carregado de memória individual – memória individual – (que se forma no bojo da memória coletiva), a memória oficial (construída para perpetuar), a do senso comum a (mais fragmentada) –, afinal, é a memória o material bruto da produção artística e cultural.

Qualquer atividade que realizamos depende da memória que é construída individual e coletivamente e para a criação de um desenho não é diferente, pois na representação colocamos nosso modo de ver e perceber a cultura. “[...] O desenho da criança é enumeração, ou melhor, uma narração gráfica sobre o objeto representado” (VIGOTSKI, 2009, p. 109). Então podemos afirmar que a criança imagina e faz uma narração gráfica de um objeto observado, não o reproduz igualmente, seus desenhos são como uma narrativa, que demonstram claramente a sua intenção. “Ao desenhar, o mundo torna-se presente em nós” (DERDYK, 2004,

p.141). Para criança o desenho é um modo como ela vê, percebe o mundo ao seu redor, expressando formas, cores e elementos reais ou irreais.

No seu desenvolvimento “[...] a criança desenha da mesma forma que brinca, canta, dança” (LEITE, 2001, p. 8). Estas atividades fazem parte do universo infantil, todas as formas de linguagens expressam o sentimento e seu olhar perante o mundo. O desenho torna-se um dos meios essenciais para o conhecimento da criança, e ao dialogar com as crianças podemos perceber que cada forma representada por elas contém signos, significados para a criança. Segundo Sans (2007, p.24) “O desenhar para a criança é tão natural como qualquer outra atividade o que importa para ela é o momento da ação. Assim como brinca, associa, simboliza, ela desenha de forma espontânea”. Então como as outras atividades infantis o desenho é importante para o desenvolvimento da criança e foi considerando este olhar que busquei acompanhar a experiência das crianças e as idéias que elas expressaram enquanto realizavam tal atividade.

5.2 Desenho e produção cultural na infância

Ao considerar a criança como sujeito produtor e consumidor de cultura estamos refletindo sobre o lugar da infância na sociedade, de olhar para ela, de perceber a criança e as contribuições que pode trazer para a compreensão do mundo que nos cerca. No entanto, a escola e o professor são peças significativas na ampliação do conhecimento desta criança e de sua participação. Os desenhos contêm marcas e sentidos que revelam a necessidade de cada indivíduo e seu meio. “O desenho é uma atividade sociocultural aprendida – não se nasce sabendo desenhar, da mesma forma que não há aquele que não possa aprender a fazê-lo” (LEITE, 2001, p. 112). Então por meio do desenho podemos deixar marcas de uma sociedade, de uma vida e cultura. O desenho é uma atividade ensinada e aprendida que estimula nossa imaginação, pois todos nós temos capacidade de aprender a desenhar.

Ainda segundo a autora:

O desafio que se coloca é como pensarmos o desenho de forma mais ampla, mais plural, que carregue nossos rastros; que congregue as marcas de nosso tempo, mas que nos mantém livres para nos expressarmos

plasticamente. Temos que estar atentos às condições de produção, às oportunidades diferenciadas, à ampliação de acervo de cada um de nós e das meninas e dos meninos com os quais convivemos cotidianamente (Idem, p. 113).

Realmente é difícil que o desenho seja sempre considerado como forma de conhecimento ou até mesmo parte fundamental da vida de todos nós. Esse é um grande desafio colocado aos professores: oportunizar às crianças os mais diferentes conhecimentos e técnicas para ampliarmos suas expressões principalmente no campo da arte, pois a “arte pode possibilitar às crianças um mundo de símbolos, que é significado e resignificado em cada ação” (PILLOTTO E MOGNOL, 2007, p.226). A arte estimula o imaginário das crianças e permite criar novas possibilidades para seu dia-a-dia. O desenho como uma experiência em arte na infância colabora para apreciação estética e cultural da criança.

A arte, de maneira geral, propicia o conhecimento de obras, de técnicas, textos, vídeos, imagens entre outros materiais que ampliam a imaginação, a percepção e o cognitivo das crianças. “Para trocarmos/interagirmos com a criança-sujeito-de-cultura precisamos nos ver, também. Como produtores e consumidores-críticos de cultura: precisamos nos reconhecer como tais e também usufruir da cultura” (LEITE, 2001, p.114). Portanto não basta somente exigir da criança que ela conheça as mais diferentes linguagens da arte, mas como adultos conscientes temos o dever de também ser consumidores de cultura, de conhecer obras, artistas, museus entre outras formas de arte.

Segundo a autora (1998, p. 141):

Reconhecer no desenho um processo de expressividade e comunicabilidade das crianças fez com que a interpretação das representações (especialmente desenhos e pinturas) e a busca do conhecimento, a partir delas das entre linhas, dos subtextos, dos sentimentos, do inconsciente etc., tenham sido por muito tempo objeto de investigação da psicologia e da psicanálise.

O desenho com objeto de estudo é um meio importante para conhecer nossa sociedade. O desenho infantil revela um processo significativo “puro”, pois a criança não tem medo de criar coisas novas, de fazer objetos formas que não estão presentes no seu cotidiano. Portanto é essencial para a criança conhecer e produzir culturalmente seja por meio do desenho, da pintura, da escultura, em forma de textos entre outras maneiras de se expressar.

5.3 O que dizem as crianças enquanto desenham

A pesquisa foi realizada com as crianças em encontros que se constituem em oficinas de experiência estética. O foco principal é o desenho. Buscou-se ouvir o que diz a criança sobre a experiência de desenhar e como ela responde ao convite do adulto para fazer desenhos. Na pesquisa foi levantado alguns questionamentos. Na proposta dos *espaços de narrativas* como estratégia metodológica o diálogo é parte fundamental para a pesquisa. Nesse encontro pesquisador e sujeitos vão descortinando o objeto de estudo pelo aprofundamento do diálogo. As respostas às perguntas e os comentários feitos pelas crianças no primeiro encontro revelaram aspectos relacionados às propostas de desenho na escola.

A idéia inicial foi desenvolver a pesquisa com um total de cinco encontros, proposta que se confirmou. Propor as crianças atividades de desenhos de diferentes formas: desenho livre; desenho a partir de uma história lida ou contada pela pesquisadora e o desenho de um brinquedo trazido pela criança, trocado entre as mesmas durante o encontro.

O desenho, o diálogo e as questões levantadas, apontaram aspectos importantes como o fato da obrigatoriedade, de pedir a autorização na hora de iniciar alguma atividade e de esperar para saber o que desenhar. Assim que convidei as crianças a fazer um desenho e distribui o material as perguntas foram imediatas:

Periquita: – Agora podemos desenhar?
Wil: – Qualquer coisa, qualquer coisinha?
Pesquisadora: – Isso mesmo.
Periquita: – Qualquer coisa, qualquer coisa.
Moranguinho: – Desenhar com o giz?

Periquita insiste na pergunta. Ela mal pode acreditar que pode escolher o que desenhar! A criança está acostumada a receber e cumprir ordens, seja ela do professor ou mesmo dos responsáveis. A pergunta: “podemos?”, reflete o quanto as crianças precisam esperar pelas ordens para começar qualquer atividade na escola. “O desenho que a criança desenvolve no contexto da escola é um produto de sua atividade mental e reflete sua cultura e seu desenvolvimento intelectual” (FERREIRA e COSTA, 2001, p.151) e pode ser prejudicado pelo excesso de intervenção. Nesta proposta de pesquisa o princípio da liberdade surpreende as crianças, pois ao trazê-

las para os encontros fora do horário de aula na escola, permite-se que as mesmas não sejam obrigadas a comparecer, a esperar ordens e sua participação é uma parceria desejada e não imposta, o diálogo com elas é fundamental.

5.3.1 Vamos experimentar o giz?

No primeiro encontro, sem mencionar que era um *desenho livre*, convidei as crianças a experimentarem o giz pastel, aos quais todas elas nunca haviam utilizado.

Periquita: – Parece massinha.

Moranginho: – É parece massinha de modelar.

Periquita: – Olha a cor da minha grama.

Periquita: – Estes gizes são lindos.

Conhecer materiais, novas formas de desenhar e estas “experiências distintas em nosso viver fazem diferença na corporalidade, na sensibilidade, na capacidade de ver, sentir e ouvir, isto é de imaginar, perceber e agir” (RICHTER, 2004, p. 19). Então, experimentar coisas novas faz com que ampliamos nossa experiência e constantemente isto reflete e em tudo que produzimos.

Levantei alguns questionamentos para as crianças como: O que vocês gostam de desenhar? Vocês costumam desenhar em casa? As respostas revelam como as crianças percebem o seu dia a dia e sua realidade. “Através do desenho, conhece-se seus autores e a sua realidade daquele grupo sociocultural” (LEITE, 2000, p. 58).

Periquita: – Casinha, boneca, árvore, flor e deu.

Tampinha: – Casa, árvore e natureza e é só isso.

Moranginho: – Casa grande, árvore, flor e natureza.

Wil: – Caminhão, carro e também prédio e outras coisas.

E sobre desenhar em casa, as crianças responderam positivamente, e revelaram o que costumam fazer em casa. Segundo Derdyk (2004, p. 59) “a criança que tem bastante oportunidade para desenhar, certamente irá explorar uma maior quantidade de tipos variados de grafismo”. Ao terem oportunidade e incentivo em

casa para desenhar as crianças provavelmente irão desenvolver melhor sua expressão criativa.

Moranguinho: – Em casa desenho uma parede com umas coisinhas dentro.

Tampinha: – Eu já desenhei minha mãe gordinha.

Periquita: – Sim! Eu tenho até um caderno de arte da Barbie igual o da Moranguinho. Eu tenho o caderno porque eu gosto de desenhar.

Wil: – Eu desenho.

Outra questão levantada nas conversas das crianças foi o estereótipo aos quais as crianças são constantemente impostas (fig.1) ¹. Portanto “o estereótipo torna-se alternativa facilmente adotada na expressão plástica por se apresentar como forma segura de representação, um modo de não se arriscar, de não se expor” (BUORO, 2003, p. 46).

Tampinha: – Vou desenhar o sol.

Periquita: – Olha o sol dela.

Tampinha: – Que?

Periquita: – Não existe sol azul.

Tampinha: – Mas o meu é assim.

Figura 1 – Desenho de Tampinha 1



Fonte: pesquisadora

Ao representar o sol, que muitas vezes está internalizado na cabeça da criança que é amarelo, ouve o estranhamento da Periquita quando a Tampinha representa o sol com a cor azul. Provavelmente por estarem estereotipadas na criança que o sol tem que ser amarelo, que a árvore tem que ser verde com marrom,

as nuvens azuis, etc. e ao se depararem com uma situação contrária, as crianças afirmam que não existe ou que está errado, não admitindo as contestações. Mas, ao mesmo tempo, quando ela percebe que há oportunidade para transgredir o que está posto, sente-se autorizada a criar, libera sua imaginação e mostra que tudo pode ser diferente. Diferente daquilo que foi visto, dito ou pensado. A criança desenha e defende seu sol azul com convicção. Ela percebe intuitivamente que a arte exerce também este papel: o de perceber algo de uma outra forma

As crianças revelam em suas falas a forma de ver e entender o mundo em seus desenhos e um meio de expor suas experiências. “Todas as experiências do olhar fazem parte de nossa educação visual” (LEITE, p. 42, 2001). Então as nossas experiências e o convívio com pessoas fazem com que possamos aprender sobre outros saberes e isto enriquecerá nossa vida.

Periquita: – Estou fazendo a natureza, uma boneca.
Pesquisadora: – O que é natureza?
Periquita: – Flores e árvores,
Moranguinho: – Animais.
Periquita: – Animais não é natureza.
Moranguinho: – É sim.
Periquita: – Natureza é só o que fica grudado na terra.

Figura 2 – Desenho de Periquita 1



Fonte: Pesquisadora

¹ Todas as produções das crianças foram fotografadas e devolvidas a elas.

Ao discutir sobre a natureza percebe-se que existe uma troca de experiência entre as duas meninas ao tentarem criar um conceito para a natureza (fig.2). E ao falar sobre seus desenhos as crianças aprofundam a discussão sobre a natureza:

Tampinha: – Eu to fazendo grama, uma casa e quero fazer a natureza.
 Moranguinho: – Eu to fazendo a natureza, a minha natureza tem arvores, flores e o resto eu esqueci.
 Wil: – Estou fazendo um prédio.
 Periquita: – Você não tava fazendo um navio?
 Wil: – Tanto faz.
 Wil: – Fiz uma árvore.
 Tampinha: – Eu fiz sol, árvore, casa e nuvem. E o dia tá nublado

O diálogo entre Periquita e Wil mostra que a criança ao fazer o seu desenho e quando pode fazer “qualquer coisa” ela pode também mudar de idéia durante a realização de seu desenho. “A criança é um ser dinâmico; para ela, a arte é uma comunicação do pensamento. Vê o mundo de forma diferente daquele como o representa, e enquanto desenvolve, sua expressão muda” (LOWENFELD e BRITAIN, 1977, p.19).

Pesquisadora: – Como é este prédio?
 Wil: – Pequeno, tem pouca gente.
 Periquita: – Na verdade nenhuma porque não tem banheiro.
 Moranguinho: – Como vai ter pessoa lá dentro se não tem banheiro.
 Moranguinho: – Ele tá construindo o banheiro.
 Wil: já construir. – Só falta pintar.
 Moranguinho: – Por favor, vai pintar o banheiro.
 Wil: – Pinte por dentro agora só falta por fora.
 Wil: – O prédio está pronto.

Figura 3 – Desenho de Wil 1



Fonte: Pesquisadora

Nesta conversa as crianças demonstram sua fantasia em relação ao desenho realizado por Wil (fig.3), relacionando com o mundo real com a necessidade das pessoas terem um banheiro em suas casas, prédios e entre outros. Para Almeida (2001, p. 20):

Ao simbolizarem, os alunos transportam-se para um mundo de fantasia, para um mundo imaginário criado por eles próprios, moldados ao seu gosto e que funciona com um sistema de regras especiais, o que lhes permite praticar o contexto [...] o jogo do “faz de conta” também dá as crianças a oportunidade de aprender a sentir como os outros e pelos outros, o que é um ingrediente importante para o desenvolvimento social.

Para os pequenos a fantasia é fundamental para compreender o mundo a sua volta. Ao perceber quais são as necessidades de uma sociedade, este jogo permite a criança criar e fantasiar. O desenho para ela é uma oportunidade de fazer uma narrativa pela qual expressa sua visão de mundo, percebendo a realidade que a cerca e evidenciando as necessidades humanas. Elas já sabem que é preciso existir um “banheiro para que as pessoas possam morar”, portanto é um meio de se relacionar com a sociedade, de compreendê-la e nela intervir.

O menino Wil mostra sua preocupação com a estética relatando que seu “desenho tá todo borrado”, isto mostra que a criança está aperfeiçoando seu olhar, provocando muitas vezes o descarte do desenho. “A experiência estética e a criação de uma possibilidade virtual e utópica de questionamentos da realidade existente e vivida” (RICHTER, 2006, p. 195). Portanto praticar, criticar, compreender a arte e um meio de perceber seus desenhos e de aprender apreciar esteticamente suas produções e dos colegas na sala de aula.

5.3.2 A aventura do tesouro na árvore

Para o segundo encontro criei uma história. A mesma necessitava da participação das crianças durante algumas falas do protagonista. Ela se chama *A aventura do tesouro na árvore* (apêndice 3). Segundo Richter (2006, p. 187). “Ao construir espaços e criar situações onde possa exercitar a liberdade, a criança faz e age sobre a matéria e o tempo-momento da ação, na concentração exigida pelo prazer do gesto significador”. Então ao ouvir a história e a necessidade que se

manifestassem durante a mesma, faz com que a criança se concentre, se encante e ao mesmo tempo adore o seu envolvimento com a história.

Primeiro questiono o que Manoel, personagem principal da narrativa, deve levar na mochila para a sua aventura? As crianças relatam coisas básicas, para sobreviver, como comida, roupa entre outras coisas. “A imaginação criadora permite à mente infantil percorrer caminhos que conduzem a outros tempos e espaços” (Idem, p. 197).

Tampinha: – Comida e roupa.

Wil: – Eu sei.

Periquita: – Saúde, comida e roupa e deu.

Moranguinho: – Também tem que levar água e gorro se tiver frio.

Lele: – Frutas e um cavalo.

Wil: – Frutas, água e casaco se tiver frio. O cavalo para viagem, também a corda para subir.

Periquita: – Levar livro para ler, canetão para quadro branco.

Continuando a história perguntei para que lado Manoel deveria seguir para direita ou para esquerda? Todos responderam para a direita e prossegui com a história e novamente estímulo às crianças a responderem relatando (se estão vendo a árvore?).

Wil: – Eu não to vendo nenhuma árvore.

Moranguinho: – Eu sim.

Pesquisadora: – Vocês estão vendo a árvore?

Todos respondem: – Sim.

Wil: – Vamos usar a corda.

E já no final da história indago “será que o menino conseguiu achar o tesouro?” As crianças responderam que “sim”. Após o final da história distribuo os materiais: uma folha A3 para cada criança, muitos lápis de cor e canetinhas hidrocor. Solicitei para que elas fizessem desenhos sobre a história. “O ato de conhecer e ato de criar estabelecem relações: ambos suscitam a capacidade de compreender, relacionar, ordenar configurar, significar, na busca do conhecimento reside a profunda motivação humana para criar” (DERDYK, 2004, p. 12). Conhecer a história e relacionar com seu meio é fundamental para que as crianças expressem fatos importantes em suas produções artísticas. Portanto fiz com que refletissem ao pedir para descrever o Manoel segundo as crianças:

Moranguinho: – Ele é bonitinho.

Lele: – Ele é pequenino e tem cabelo curto.

Wil: – Usa boné.

Periquita: – Ele tem pintinho de estimação e passarinho.

Neste momento percebe-se um processo de imaginação partilhada, pois para descrever o menino da história, o qual não foi descrito durante a narração as crianças precisam fantasiar. “Ao imaginar, isto é, ao criar suas primeiras ficções, a criança prepara-se para dialogar” (RICHTER, 2006, p.195). Dialogar e entender sobre a imaginação é a parte essencial desta pesquisa. Outro fato que demonstra que as crianças usufruíram de sua imaginação foi ao me dizer como era a cidade em que morava o menino.

Periquita: – Uma cidadezinha bem pequenina, com casas pequenas.

Moranguinho: – Uma cidade bem feia, bem feia, parece à cidade que eu conheço da serra.

Tampinha: – É grande, tem casa e pessoa.

Wil: – É uma cidade que tem casas pequenas, tem plantação, tem um monte de pessoas morando né. Também tem carros, carroça, trator, é só.

No diálogo Moranguinho faz comparação com uma cidade que conheceu na serra, isto evidencia que o processo de imaginação está ligado com a realidade vivida pelas crianças. Já Periquita e Wil relatam que a cidade é pequena tem casa, pessoas entre outros ao qual uma cidade pequena necessita para viver. Para Vigotski “[...] quanto mais rica é a experiência, mais rica deve ser também a imaginação” (2009, p. 22). Ao relatarem sua experiência de como é uma cidade as crianças tiveram a liberdade de imaginá-la como desejassem.

Ao falar sobre a árvore da história, as crianças descrevem como conhecem uma arvore que é verde e marrom.

Periquita: – Quinhentos metros e não existe.

Periquita: – É verde e marrom.

Tampinha: – Azul.

Moranguinho: – Azul é verde.

Wil: – Eu sei! – Verde e marrom é um seiscentos metros.

Percebe-se que as crianças estão acostumadas com o estereótipo que a árvore tem que ser verde e marrom e que não existe uma árvore grande, pois estão acostumados a representá-las pequenas em seus desenhos. Então, segundo o que nos diz Buoro (2003, p. 35), “[...] o ensino de artes plásticas ainda se embate com as estereotipizações presente no senso comum”. E muito frequente respondermos para as crianças, quando somos questionados, que cor é a árvore, céu entre outras e sempre respondemos o que sabemos, nós não fazemos as crianças pensarem. E

enquanto professores, somos responsáveis por mediar e fazer com que a criança tire suas próprias conclusões.

Ao desenvolverem seus desenhos, as crianças foram dialogando com o que estavam fazendo sobre a história, como:

Moranginho: – O guardião do tesouro foi na cidade e construiu uma casa no meio da estrada.

Wil: – A árvore, o Manoel, as plantações, os carros as carroças e os tratores. (Fig. 4)

Lele: – O Manoel, aqui é casa dele, a plantação, a arvorezinha dele de frutas e flores. (Fig. 5)

Figura 4 – Produção do desenho de Wil (foto).



Fonte: Pesquisadora

Figura 5 – Produção do desenho de Lele (foto)



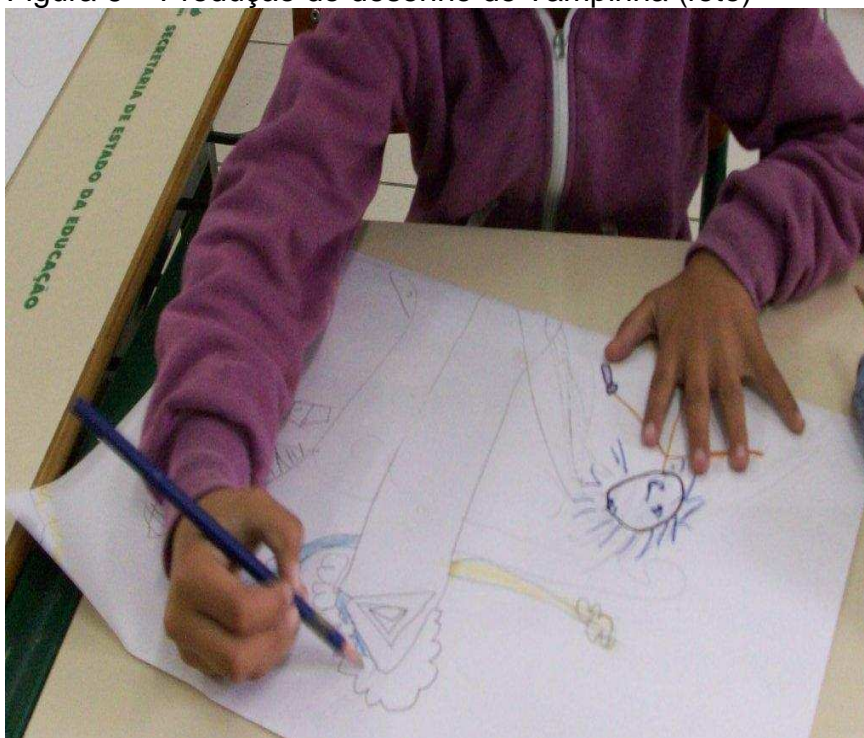
Fonte: Pesquisadora

Tampinha: – A árvore, o Manoel, uma casa, e aquele que tá com a luz.
(Fig.6)

Periquita: – Eu to desenhando a casa do Manoel, a árvore de fruta maior
aqui a casa e o sol. (Fig.7)

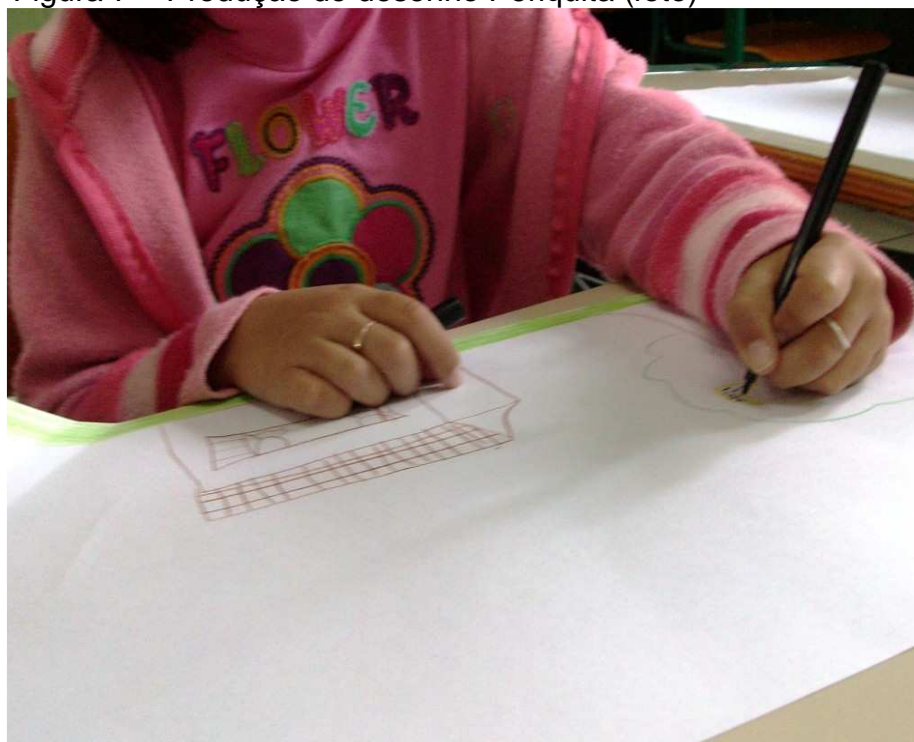
Moranginho: – Eu to fazendo a árvore e a casa.

Figura 6 – Produção do desenho de Tampinha (foto)



Fonte: Pesquisadora

Figura 7 – Produção do desenho Periquita (foto)



Fonte: Pesquisadora

Segundo Leite (2001, p.40) “A criança ao falar, desenhar, dramatizar, rir, gesticular, está tecendo sua história e a forma como a percebe e se percebe na história da coletividade em que se insere”. O menino Wil ao descrever seu desenho (fig.8) é perceptível que se constituiu um processo de imaginação e criação, pois ele mostra elementos que não faziam parte da narrativa, é sua imaginação que “vê” a presença de tais elementos. “A capacidade criadora é um potencial inerente a pessoa, que não se mede e não se ensina, mas existem meios de estimulá-la, fazendo com que o ser humano a explore e torne-se mais criativo” (SANS, 2007, p. 19). É essencial instigar a criança a criar, a perceber as possibilidades de desenvolver física, intelectual e socialmente.

Wil: – Do lado da casa do Manoel, tinha uma casa parecida com a casa do Manoel. Está é a casa do Manoel, esta é casa do vizinho, e esta casa do vizinho. Eu até vou colocar ele ali, mas como?

Wil: – Desenhei uma carroça

Wil: – To subindo.

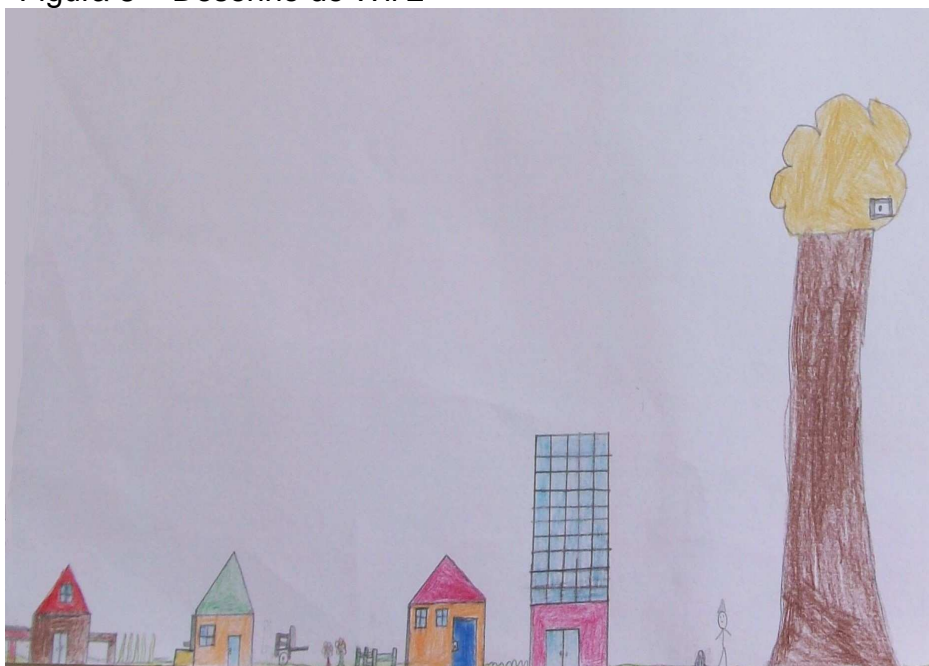
Wil: – Eu vou fazer uma caixa, e dentro tá o tesouro.

Wil: – O baú fica bem ali, e tá cheio.

Wil: – Só falta fazer o Manoel segurando sua mochila pesada.

Wil: – Manoel vai escalar com sua mochila pesada. Olha a mochilinha dele.

Figura 8 – Desenho de Wil 2



Fonte: Pesquisadora

O desenho de Wil (fig. 8) reproduz parte da história contada e explorada em detalhes em seu diálogo. Percebe-se que seu desenho encontra-se na “idade de ouro” uma fase marcada pelo realismo nas representações. Sans (2007, p.57) afirma que “a criação infantil é impulsionada pelo desejo de representação dos objetos e temas em seu desenho, que nos revelam claramente as experiências vividas pela criança, resultando em uma solução amplamente original”.

Figura 9 – Desenho de Moranguinho 2



Fonte: Pesquisadora

Pesquisadora: – Quem está em cima da árvore?
 Moranguinho: – É o Manoel.
 Moranguinho: – O tesouro está aqui e a chave aqui.
 Moranguinho: – E aqui esta coisa que ninguém conseguiu pegar.
 Moranguinho: – Não vai dar de fazer as folhas porque a árvore vai até aqui.
 Moranguinho: – A do guardião mesmo, e vou fazer ele aqui, é o Manoel.
 Moranguinho: – o guardião é uma mulher.

Ao dialogar com a menina Moranguinho podemos perceber o que ela pretendia fazer em seu desenho na (fig. 9). Observamos em seu grafismo pronto, partes descritas pela menina e outras imaginativas. Segundo Richter (2006. p. 187):

[...] é importante compreender a necessidade de observamos melhor a ação e a produção plástica da criança em seus jogos construtivos e compreender está capacidade criadora infantil de formar imagens e estruturar significações, cada vez mais complexas e singulares, simultaneamente afetivas e cognitivas.

Para a pesquisa foi fundamental acompanhar o processo de produção do desenho infantil e principalmente escutar as crianças enquanto elas desenhavam, reconhecendo em suas falas sua capacidade imaginativa e sua relação com a realidade. Como podemos perceber no próximo diálogo entre Lele e Wil:

Lele: – Ele tá se arrumando.
 Lele: – Olha o cabelo dele, passou gel.
 Wil: – Naquele tempo não existia gel.
 Pesquisadora: – Por quê?
 Wil: – Não sei. Não inventaram ainda.

De que tempo Wil está falando? De um tempo que não existe? De um tempo passado onde as “coisas de hoje” não teriam sido criadas ainda? Que tempo o menino Wil está se referindo no diálogo.

Pesquisadora: – Porque tem frutas na árvore?
 Moranguinho: – É para enganar quem vai lá para pegar o tesouro.
 Pesquisadora: – Qual é a fruta?
 Moranguinho: – É cereja.
 Tampinha: – Me dá uma?
 Moranguinho: – Não, porque tá grudado na árvore.

Neste diálogo com Moranguinho percebe-se o envolvimento que ela teve com história é de criar novos artifícios para dificultar a chegada no tesouro (fig. 9). “O fazer artístico (criação) é a mobilização de ações que resultam em construções de formas novas a partir da natureza e da cultura: é ainda o resultado de expressões

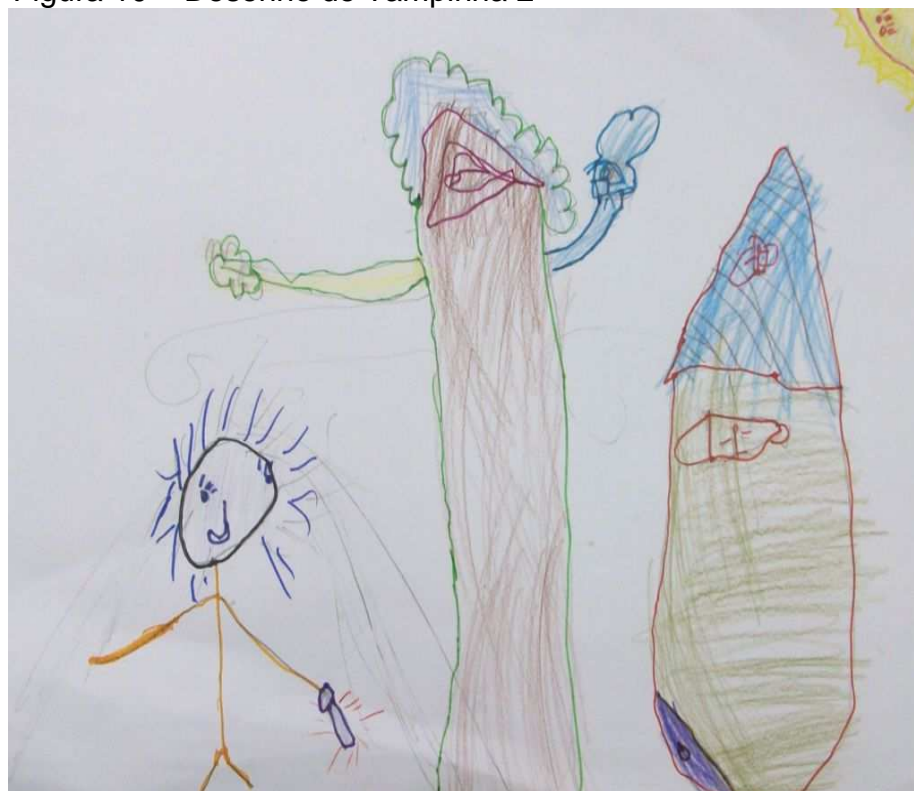
imaginativas, provenientes de sínteses emocionais e cognitivas” (FERRAZ e FUSARI, 2010, p. 56). Portanto criar novas possibilidades, novas dificuldades para a história permite a menina imaginar quais as formas mais prováveis de chegar ao tesouro refletindo sobre sua vida.

A menina Tampinha (fig.10) ao falar sobre seu desenho, dá ênfase na parte em que o “guardião está com a luz” sendo que ao contar a história em nenhum momento foi mencionado que o guardião seria uma pessoa. “A criatividade é fundamental para que o ser humano encontre novas virtudes na arte, na ciência, na tecnologia e no dia-a-dia dos afazeres do cotidiano” (SANS, 2007, p. 21). Como seres humanos, nós necessitamos da criatividade para resolver as mais diferentes situações do cotidiano.

Tampinha: – Eu fiz o guardião segurando a luz, aquele menino [Manoel] e a casa do guardião.

Tampinha: – É um dia de sol.

Figura 10 – Desenho de Tampinha 2



Fonte: Pesquisadora

No desenho (fig. 11) de Periquita podemos perceber que na expressão figurativa a menina explora partes da história relatando em sua fala. “O desenho

deveria ser sempre uma (re)criação – uma reelaboração pessoal a partir da experiência estética vivenciada” (LEITE, 2000, p. 59).

Periquita: – Eu fiz casa do Manoel, a árvore com frutas, casa, o sol, e o Manoel.

Periquita: – Fiz uma banana. Porque eu não sei como se faz o milho.

Figura 11 – Desenho de Periquita



Fonte: Pesquisadora

Para a menina Lele em seu desenho (fig. 12) e relato explica o que fez em seu grafismo, demonstrando partes que não estavam na história contada como “a horta, flores” entre outras coisas. “O desenho é uma linguagem gráfica singular, uma expressão, que pode ser entendido como uma forma de comunicabilidade com o mundo [...]” (LEITE, 2001, p. 117). O grafismo infantil revela novas situações, mecanismos e propostas que revelam a cultura de cada lugar.

Pesquisadora: – O que você fez?

Lele: – A horta, uma árvore com frutas, flores, céu bonito e o Manoel na janela.

Figura 12 – Desenho de Lele



Fonte: Pesquisadora

Neste momento da pesquisa as crianças mostraram muitas propostas imaginativas, explorando novas situações e complicações para história ouvida pelo grupo. O grupo construiu junto uma narrativa que fez com que seus desenhos e falas trouxessem formas semelhantes, mas também diversidade. “A criança, ao expressar-se traz consigo os diversos auditórios sociais aos, quais pertence; traz a história de sua família, de sua comunidade, da humanidade” (LEITE, 1998, p. 143). As crianças em suas produções revelam muitas ocorrências de seu cotidiano.

5.3.3 A gente pode brincar?

Para o quarto encontro pedi para que todas as crianças trouxessem um brinquedo de sua casa. Elas ficaram curiosas e animadas com a questão de trazer um objeto. Então, antes da realização dos desenhos pedi para cada criança falar um pouco sobre seu brinquedo (fig.13).

Wil: – É o que mais gosto.

Pesquisadora: – Você gosta de brincar com ele?

Wil: – Bom, eu também brinco com outros.

Wil: – É um carrinho que se transforma em um boneco.
 Moranguinho: – *Max Steel* é um boneco.
 Tampinha: – O meu é um ursinho.
 Tampinha: – Rosa com branco é pequenino.

Figura 13 – Brinquedos das crianças (foto)



Fonte: Pesquisadora

Os brinquedos que as crianças trouxeram, e a seriedade com que tratam tal objeto, revelam que para a criança, brincar é uma necessidade. Para Ferraz e Fusari (1999, p. 61) “por exemplo, quando a criança brinca de faz-de-conta, ela pode estar apresentando situações imaginárias de preparação para o mundo social e cultural”. Então a brincadeira para a criança é fundamental no sentido de conhecer formas de lidar com o seu cotidiano.

Moranguinho: – Tem que fazer igualzinho?
 Wil: – Não precisa, tem que fazer como sabe.

Neste diálogo a menina Moranguinho se preocupa em fazer o objeto igual, como está observando. Já Wil tranquiliza refletindo que tem que “fazer como sabe” assim demonstra que as crianças estão preocupadas em representar da maneira que lhes é possível. “A criança ocupa-se do processo que ocorre no mundo externo, não do processo da sua ação” (VIGOTSKI, 2009, p.114). A criança preocupa-se em desenhar o real, o reconhecível, o que é significativo.

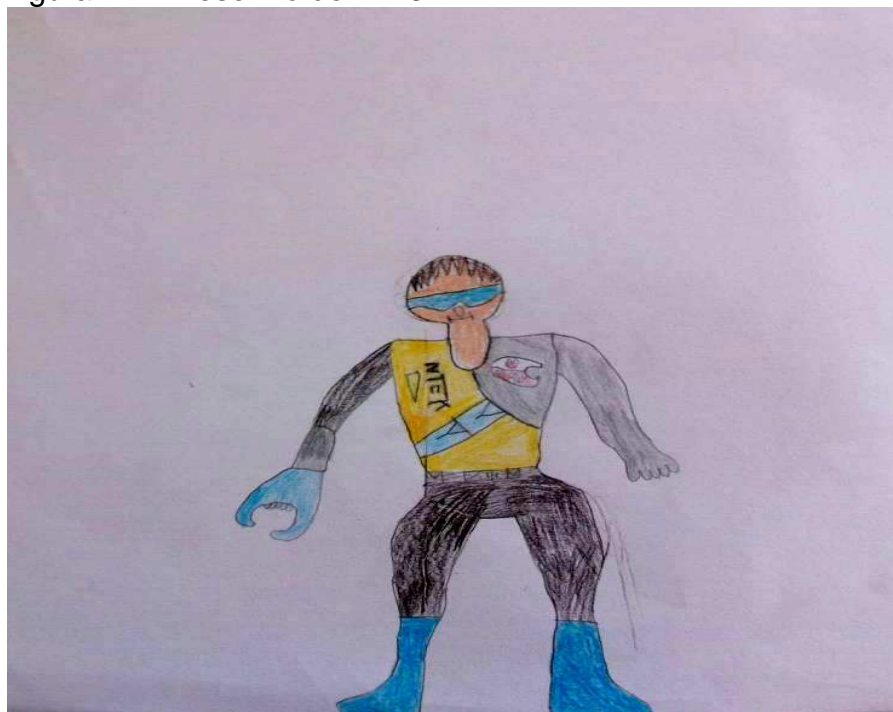
Além disso, muitas vezes, ao mostrar seu desenho ao outro, adulto ou criança, fala sobre ele. As duas crianças apresentam o desenho dos brinquedos e reconhecem que o diálogo é parte importante para que seu desenho seja compreendido pelo outro.

O menino Wil escolheu fazer o boneco *Max Steel*, como podemos observar em sua fala e desenho (fig.14).

Wil: – Vou desenhar o boneco.

Wil: – Vou fazer o chão.

Figura 14 – Desenho de Wil 3



Fonte: Pesquisadora

Podemos perceber que Wil se preocupou em representar o boneco como estava observando e não se permite criar outras possibilidades. Apesar de ter afirmado não ser necessário fazer um desenho que ele chama de “igual” ao real. A menina Moranguinho no diálogo questiona:

Moranguinho: – Porque você não faz um monstro lutando com ele?

Wil: – Porque não. Vou fazer só ele mesmo.

Tampinha, por sua vez, foi mais inventiva fazendo não somente o que estava observando, mas também cria outros elementos como podemos notar em seu desenho (fig.15) e relato. “O desenho é uma processo complexo, que envolve

imaginação, realidade cotidiana, figuração, e tem como mediação a palavra” (FERREIRA, 2001, p. 151). O desenho para criança não é somente uma atividade e técnica, o grafismo infantil estabelece troca de experiências, um aprendizado sobre o mundo que a rodeia.

Tampinha: – Vou fazer o desenho
 Tampinha: – Mas eu fiz o carro de fogo.
 Tampinha: – Agora vou fazer o sol.
 Tampinha: – Bom dia para sol.
 Tampinha: – Eu to fazendo o Wil com um vestido de baile.
 Tampinha: – Eu já terminei o carro, mas fiz de fogo.

Figura 15 – Desenho de Tampinha 3



Fonte Pesquisadora

Moranginho também como a menina Tampinha não fez somente o objeto escolhido. No começo ela fica com dúvida em qual brinquedo representar em seu desenho e como podemos ver no diálogo. Mas logo decide fazer o urso de pelúcia e imagina o mesmo sendo levado para outro lugar. “A necessidade e o desejo, portanto, são molas propulsoras do processo criativo” (BUORO, 2003, p. 81). A vontade e o desafio de representar são como uma motivação para criança realizar seus desenhos utilizando sua imaginação criadora.

Moranginho: – Vou fazer o carrinho.
 Moranginho: – Agora vou fazer o ursinho de pelúcia.
 Moranginho: – To fazendo uma nave. E ela está levando o urso para o espaço sideral.

Figura16 – Desenho de Moranguinho 3



Fonte: Pesquisadora

Em uma conversa e durante a realização do encontro Wil demonstra seu interesse em brincar com os brinquedos trazidos pelos colegas me questionando sobre essa possibilidade. Minha resposta positiva fez com que Wil, logo ao terminar seu desenho, começasse a brincar pela sala.

Wil: – A gente vai poder brincar com os brinquedos?
 Pesquisadora: – Sim

Tanto na arte quanto na brincadeira a criança é livre para criar novas possibilidades sendo elas reais ou irreais, estas, muitas vezes estabelecem um vínculo com o habitual. Para Richter (2004, p. 21):

A arte, por sua característica intrínseca de nos colocar frente ao inusitado e ao inesperado, abre espaço para a criação de situações onde podemos nos confrontar com o exercício experimental da liberdade, com a humana capacidade de criar e inventar algo que vai além da realidade ultrapassando.

No desenho e relato da menina Periquita (fig. 17) ela faz menção a necessidade de fazer um dono para o urso. A utilização da linguagem do desenho e da linguagem oral faz com que possamos compreender melhor o que a menina queria fazer em sua produção. “Para a criança essa linguagem ou comunicação que

ela exercita com parceiros visíveis ou invisíveis, reais ou fantasiosos, acontece junto com seu desenvolvimento afetivo, perceptivo e intelectual e resulta do exercício de conhecimento da realidade” (FERRAZ e FUSARI, 1999, p. 56). A criança necessita utilizar meios para apreciar seu modo de ver o mundo e o desenho é uma das formas mais próximas da criança.

Periquita: – To desenhando a boneca dona do urso.

Figura 17 – Desenho de Periquita 3



Fonte: Pesquisadora

Trazer um brinquedo para o encontro aguçou a criatividade das crianças as quais ficaram curiosas e ansiosas para saber o que fazer com seus brinquedos. Mexer com imaginário infantil é fundamental, o fato de trazer seus brinquedos fez com que elas ampliassem suas experiências estéticas. Em primeiro lugar pela possibilidade de compartilhar algo pertencente ao seu universo individual e conhecer os pertences do outro, refletindo sobre sua identidade e sobre identidades construídas na prática social, problematizando inclusive questões de gênero. Brinquedos de menina ou de menino? Carrinho, bonecos, ursinhos? O que estes objetos representam? Qual o significado de mostrar em público tal objeto.

Por outro lado, as crianças foram convidadas a desenhar não o seu, mas o brinquedo do outro e o resultado foi muito produtivo uma vez que as crianças não

ficaram presas a desenhar somente o objeto escolhido, mas criaram cenários, personagens, transformaram os objetos em outros de um simples carrinho numa encantadora nave espacial. Isso é imaginação. É olhar para o objeto e para além dele, fazendo outras e diferentes combinações. É vislumbrar muitas possibilidades a partir da experiência que a criança possui.

O terceiro e o quinto encontros foram dedicados à devolutiva, momento que foi feita a leitura das transcrições com as crianças, retificando sua autorização para compor o texto final da pesquisa. Sendo assim, Periquita, Moranguinho, Tampinha, Wil e Lele tiveram a oportunidade e ouvir suas² falas, de modificá-las e ver as fotos de cada encontro. Além disso, uma parte do tempo foi usada para fazer pintura, atendendo ao pedido dos meus co-autores que, de forma tão generosa, possibilitaram a realização desse estudo.

² Uma das crianças que aceitou o convite não pode participar dos encontros.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar trago algumas considerações essenciais que surgiram durante a realização da pesquisa. Explorar a necessidade da criança em se expressar principalmente por meio do desenho, refletir sobre a criatividade e imaginação e ter consciência de reconhecer a criança como sujeito produtor e consumidor de cultura. Propor as crianças encontros aos quais elas poderiam desistir a qualquer momento, estabelecer diálogos com elas durante a realização dos desenhos fez com que as crianças pudessem perceber a importância da sua participação na sociedade.

Reforço aqui à importância de contar histórias e estimular as crianças a ler e representá-las por meio do desenho. As narrativas são fontes de imaginação como podemos perceber no encontro o qual contei as crianças uma história. As crianças por meio delas podem imaginar e criar outras possibilidades para o seu dia-a-dia. “A habilidade de acompanhar histórias estimula e desenvolve o modo narrativo da mente, e sua capacidade de criar sentidos e significados”. (EGAN, 2007, p. 22). As crianças ao refletir sobre uma história atribuem novos símbolos e sentidos aos personagens.

O desenho é um documento rico em cultura, criação e identidade, carregando em um pedaço de papel elementos importantes para conhecer a vida do sujeito. Nesta ótica, é importante para o adulto “debruçar-se sobre o desenho [...] como perspectiva de conhecer mais a criança em seus aspectos afetivos e cognitivos” (LEITE, 2000, p. 57). O desenho para a criança é muitas vezes a primeira forma de se expressar, o contato com lápis, giz, papel entre outros materiais, traz à criança novas experiências. Como aconteceu no primeiro encontro no qual propus aos meus co-autores o conhecimento do giz pastel e que eles mesmos gostaram muito e se surpreenderam com os resultados do desenho. Reafirmo o valor de conhecer obras, museus, artistas nacionais e internacionais, técnicas variadas, materiais entre outras formas artísticas e culturais tanto para o adulto quanto para a criança. Assim, vamos ampliando o nosso repertório cultural e imagético refletindo sobre novas formas de ver, criticar e avaliar o mundo.

Percebi durante a realização da pesquisa a insegurança de algumas crianças, principalmente ao iniciarem uma atividade elas fazem perguntas como:

posso começar o desenho? Posso usar está cor? Entre outros questionamentos que mostram que a escola, na ânsia de querer ensinar, pode restringir de forma significativa a própria ação da criança. Podemos perceber que a criança está acostumada a receber ordem do adulto que, muitas vezes, não permite que meninos e meninas façam qualquer atividade por serem pequenos, ou porque eles ainda não sabem. Devemos sim estimular a criança a ser independente, interagir, criar desafios, discutir suas vontades e desejos, mas principalmente reconhecer sua capacidade como sujeito social. Nesse processo há uma negociação, devemos sempre dialogar e combinar com as crianças as regras e os limites que se fizerem necessários para que adultos e crianças possam agir e aprender, continuamente.

Considero a imaginação e a criatividade essencial para a vida humana, por meio dela somos capazes de pensar coisas novas, de criar situações, soluções para problemas do cotidiano. E por isso é fundamental que a criança tenha oportunidade de usar sua criatividade também na escola onde passa parte de seu dia. Na escola, os diferentes saberes podem intermediar o processo imaginativo como base para ampliação de conhecimentos antigos e novos; podem possibilitar o diálogo entre as diferentes culturas dentro da sala de aula e aprendizado de todas; entre outras formas que possam fazer o aluno refletir, criticar e questionar as possibilidades para viver uma vida melhor.

O encontro que as crianças levaram os brinquedos fez com que eu, enquanto pesquisadora pudesse perceber a importância que o brinquedo e brincadeira têm para a criança. Portanto trabalhar com as crianças de maneira lúdica pode ser um grande aliado para o seu aprendizado. O brinquedo faz parte do cotidiano e trazê-lo para sala de aula permite aos alunos usufruírem de sua imaginação realizando atividades de maneira mais prazerosa e significativa uma vez que o seu brinquedo representa parte de sua história e identidade.

Durante a trajetória dos nossos encontros pude observar que as crianças se sentiam importantes por ajudar na pesquisa, por participarem de encontros para fazer e aprender sobre o desenho. Também eram constantes os questionamentos sobre por que outras turmas e turnos não poderiam participar desta experiência. É a troca de diálogos que revela um sujeito quer participar, quer dar sua contribuição e nós, enquanto adultos educadores, pesquisadores, e demais responsáveis “precisamos ouvi-lo, aprender com ele, trocar com ele” (LEITE, 1996, p. 87). As experiências levantadas pelo grupo criaram novos conceitos, formas, e questões

para problemas e dúvidas. Outro ponto relevante e estimulante que os encontros aconteceram fora do horário de aula e para os quais elas não tinham obrigação de estarem presentes, elas participaram por livre e espontânea vontade e isso proporcionou às crianças uma atividade diferente que não estava dentro de suas rotinas.

Uso do desenho estereotipado é comum para a criança como foi levantado e percebido nas produções realizadas nos encontros, é um artifício adotado facilmente pela criança que necessita que seus desenhos sejam reconhecidos pelos adultos. Deste modo é essencial que professores, pais e responsáveis instiguem a expressão infantil, reconhecendo que a criança é capaz de fazer seus próprios desenhos, deixando de lado o que está pronto. Segundo Leite (2000, p. 60): “percebendo a importância do desenho como expressão, longe dos dons, do certo/errado, do bom/ruim [...]” do bonito ou do feio... é preciso levar a criança a exposições, teatros, concertos entre outros eventos culturais e proporcionar a ela a ampliação de seu repertório crítico e cultural.

O ato de desenhar é fundamental para a criança, por meio do desenho a criança pode revelar fatos de sua vida, cultura e expressão. Portanto é necessário que pais, professores e responsáveis estimulem a criança a desenhar, seja na escola ou em casa. Durante a realização da pesquisa questionei as crianças se elas desenhavam em casa, todas responderam positivamente. Isto demonstra que seus pais têm interesse e estimulam seus filhos a fazerem desenhos em casa. Outra questão positiva é que as crianças pesquisadas gostam de desenhar, e as atividades sugeridas foram aceitas e proporcionaram trocas de experiências e conhecimento de novos materiais entre o grupo.

Refletimos que imaginar, desenhar e brincar é parte primordial para a infância em qualquer tempo ou espaço. A criança que tem a oportunidade de contato com as mais diferentes formas de manifestações artísticas e culturais possivelmente compreenderá melhor seu lugar como ser humano ativo e contribuirá para a construção de uma sociedade mais justa e feliz estabelecendo novos meios de pensar e agir.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. Concepções e práticas artísticas na escola. In: FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes**: construindo caminhos. 2 ed. Campinas: Papyrus, 2001. p. 11-38.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRASIL. Secretaria de Ed. Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais: Arte**/secretaria de educação fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BUORO, Amélia Bueno. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CERVO, Amado Luiz, BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**, 5 ed. São Paulo: Prentice hall, 2002.

COUTINHO, Rejane G. A formação do professor de arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.) **Inquietações e mudança no ensino da arte**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003. p.153-159.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: o desenvolvimento do grafismo infantil. 3 ed. São Paulo: Scipione, 2004.

EGAN, Kieran. Porque a imaginação é importante na educação? In: FRITZEN Celdon, CABRAL, Gladir S. (Orgs.). **Infância**: Imaginação e educação em debate. Campinas: Papyrus, 2007. p. 11-38.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T., FUSARI, Maria F, de Resende e. **Metodologia do ensino de arte**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Arte na educação escolar**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FERREIRA, Aurora. **A criança e a arte**: o dia-a-dia na sala de aula, 2 ed. Rio de Janeiro: Mak Ed., 2007.

FERREIRA, Sueli, COSTA, Silvia Maria Cintra. "Faz o chão pra ele não ficar voando": o desenho na sala de aula. In: FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes**: construindo caminhos. 2 ed. Campinas: Papirus, 2001. p.139-179.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de Pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

KRAMER, Sonia. Pesquisando Infância e educação um encontro com Walter Benjamin. In: KRAMER, Sonia, LEITE, Maria Isabel (Orgs). **Infância**: Fios e desafios da pesquisa. 8 ed. Campinas: Papirus, 1996. p. 13- 38.

_____. Autoria e Autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 41-59, jul. 2002.

LEITE, Maria Isabel. O que falam de escola e saber as crianças da área rural? Um desafio da pesquisa no campo. In: KRAMER, Sonia, LEITE, Maria Isabel (Orgs). **Infância**: Fios e desafios da pesquisa. 8 ed. Campinas: Papirus, 1996. p. 73-96.

_____. Desenho Infantil: questões e práticas polêmicas. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel (Orgs). **Infância e produção cultural**. 3 ed. Campinas: Papirus, 1998. p. 131- 150.

_____. Desenho na infância e na adolescência. In: Anais do Congresso Nacional de Reorientação Curricular, Prefeitura municipal e FURB, Blumenau: 2000. p. 57-63.

_____. **O que e como desenham as crianças?** Refletindo sobre condições de produção cultural da infância. 2001. f. Tese (Doutorado em Educação). UNICAMP: Faculdade de Educação, Campinas, 2001.

_____. Espaços de narrativa – onde o eu e o outro marcam encontro. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008. p. 118-140.

LOWENFELD, Viktor, BRITTAIN, Lambert, W. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes; SOUZA, Solange Jobim e. Infância, conhecimento e contemporaneidade. In: KRAMER, Sonia, LEITE, Maria Isabel (Orgs). **Infância e produção cultural**. 3 ed. Campinas: Papirus, 1998. p. 25-42.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte, MOGNOL, Leticia Coneglian, A arte no contexto da educação infantil. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira (Org.). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: Ed da UFSM, 2007. p. 215-230.

RICHTER, Sandra. **Criança e pintura: ação e paixão do conhecer**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

_____. Infância e imaginação: o papel da arte na educação infantil. In: PILLAR, Analice Dutra (Org.). **A educação do olhar na ensino das artes**. 4 ed. Porto Alegre: Mediação. 2006. p. 181- 197.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. **A criança e o Artista**. Campinas: Papirus, 1994.

_____. **Pedagogia do desenho infantil**. 2 ed. Campinas: alínea, 2007.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. **Proposta Curricular de Santa Catarina**. Florianópolis, 1998.

VIGOTSKI, Lev S. **Imaginação e Criação na Infância**. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Autorização para as crianças e responsáveis (modelo)

Autorização

Eu, _____, concordo em participar da pesquisa proposta por Graziela Tomé Fernandes sobre *Imaginação e arte: o que falam as crianças sobre e enquanto desenhavam* e sei que posso desistir de participar a qualquer momento, sem problema algum. Deixo que usem na pesquisa e fiquem guardadas na UNESCO as minhas falas e os meus desenhos, para fins de pesquisa.

(assinatura da criança)

Eu, _____, RG nº _____, residente _____, autorizo meu/minha filho/filha, _____, a participar da pesquisa proposta por Graziela Tomé Fernandes sobre *Imaginação e arte: o que falam as crianças sobre e enquanto desenhavam* no período de ___/___/2011 a ___/___/2011. Autorizo, ainda, que sejam feitas imagens por meio de câmera fotográfica, filmadora, gravador ou scanner dos desenhos realizados na oficina, para uso da pesquisa.

Por ser verdade, firmo o presente.

Araranguá, ___/___/2011

(Assinatura do Responsável)

APÊNDICE 2 – Autorização para diretora da escola (modelo)

Autorização

Eu, _____ responsável pela Direção da Escola de Educação Básica Professora Isabel Flores Hubbe, Araranguá, SC, autorizo a realização da pesquisa proposta por Graziela Tomé Fernandes, para obtenção do título de Especialista em Educação Estética: arte e perspectivas contemporâneas da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC de Criciúma-SC. O estudo tem como temática: *Imaginação e arte: o que falam as crianças sobre e enquanto desenham* e a pesquisa será desenvolvido com as crianças da primeira série desta unidade escolar no segundo semestre/2011. Estou consciente de que a mesma será realizada em horário contrário de estudo das crianças. A pesquisadora assume a responsabilidade em relação aos procedimentos, local e os sujeitos da pesquisa.

(assinatura e carimbo do responsável)

APÊNDICE 3 – História: Aventura do tesouro na árvore

AVENTURA DO TESOIRO NA ÁRVORE

Em uma cidadezinha do interior chamada Felicidade morava o menino Manoel sua casa era bem pequena e seus pais trabalhavam muito. O Manoel sonhava em um dia dar uma vida melhor para seus pais, e como todos na cidade falavam da lenda do tesouro da árvore. Então em um dia bonito Manoel resolveu ir a procura do tesouro. Arrumou sua mochila com tudo que precisava. Mas espera o que eu preciso levar para a aventura, vocês podem me ajudar?

Resposta das crianças.

Ah! Muito bom, já coloquei tudo aqui, e vou sair enquanto meus pais não estão.

O menino Manoel saiu em direção a floresta que ficava próximo a sua casa.

Começou a caminhar a procura do rio. De repente parou olhou!

– Ixi há dois caminhos um para direita e outro para a esquerda.

– Ei! Vocês me ajudam? Alguém sabe em qual direção devo ir?

Resposta das crianças.

– Vocês têm certeza?

Resposta das crianças.

Segundo a lenda tenho que achar o rio seguir seu rumo, até achar uma árvore muito, muito grande que não vemos o fim dela. Olha, acho que estou escutando barulho de água, eba deve ser o rio.

– Veja é o Rio. Agora é só seguir seu leito até achar a tal árvore.

– Ei, ei vocês estão vendo?

Resposta das crianças. (ser for negativa)

Ainda não estão vendo, ai já estou tão cansadinho, e com fome, mas acho que já esta perto.

Resposta das crianças (ser for afirmativa).

– Onde, onde? Eu não estou vendo?

–Ah! Ali nossa como ela é grande.

E agora tenho que subir ate o topo dela e achar o tesouro. Epa! Mas me falaram que existe um guardião, muito mal, que nunca deixou que ninguém achar o tesouro.

–Vou subir, será que vou conseguir, estou com medo.

Manoel começou a subir, subir, e quando já estava quase desistindo de tão cansado, uma luz muito forte começa a surgir. Então o menino para senta em um galho para descansar. E de repente ele ouve um barulho estranho, e fica assustado.

– Será que é o guardião?

Entre os galhos aparece somente uma luz muito linda e fala.

–O que você quer menino? Sai já daqui!

O menino corajoso responde:

– Eu, euuu... Não vou sai! Quero encontrar o tesouro que todos falam na cidade.

–Mas menino para que você quer o tesouro?

–Quero dar uma vida melhor para meus pais, que já estão velhos e trabalham todos os dias para me dar uma boa educação e comida.

O guardião responde.

– Você e primeira pessoa que quer ajudar alguém com o tesouro, todos os que já ousaram vim ate aqui, só queriam ficar ricos e ir embora da cidade.

O guardião comovido com a história do menino resolve ajudá-lo na busca ao tesouro, incentivando o menino já desanimado a continuar a subir na árvore, pois o tesouro já estava perto.

E agora vocês acham que ele conseguiu achar o tesouro?

Crianças respondem.

E enquanto isso na cidade, os pais do menino o procuravam pela vizinhança toda, no parque, na praça, na escola e em todos os lugares da pequena cidade de Felicidade. Já desesperados pedem ajuda para todos da cidade para achar seu filho desaparecido. Foi quando no meio da floresta apareceu uma luz e no meio da luz brilhante o menino Manoel com o tesouro na mão. Todos da cidade ficaram muito felizes com volta do menino e impressionados por sua coragem.

E logo todos na cidade fizeram uma grande festa, seus pais ficaram alegres, e deste dia em diante todos da pequena foram felizes para sempre.

Fim!